



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**“EU NÃO VOU TER UM FILHO GAY”: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DO FILME ORAÇÕES PARA BOBBY**

RECIFE
2015

DAYVESSON DELEON BEZERRA DA SILVA

**“EU NÃO VOU TER UM FILHO GAY”: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DO FILME ORAÇÕES PARA BOBBY**

Dissertação apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem, sob a orientação da Prof. Dr^a. Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo.

RECIFE

2015

S586e Silva, Dayvesson Deleon Bezerra da
“Eu não vou ter um filho gay”: uma análise discursiva do filme
orações para Bobby / Dayvesson Deleon Bezerra da Silva ; orientador
Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo, 2015.
81 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado
em Ciências da Linguagem, 2015.

1. Análise do discurso. 2. Homossexualismo. I. Título.

CDU 801



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Folha de Aprovação

**“EU NÃO VOU TER UM FILHO GAY”: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DO FILME ORAÇÕES PARA BOBBY**

POR:

DAYVESSON DELEON BEZERRA DA SILVA

Comissão Examinadora:

Profª. Drª. Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo – Orientadora – UNICAP - PE

Profª. Drª. Renata Fonseca Lima da Fonte – UNICAP - PE

Profª. Drª. Fátima Soares da Silva Carvalho – FAINTVISA - PE

Data da aprovação: ____/____/____

RECIFE
2015

**À Helena Maria Bezerra da Silva,
minha mãe, pelo simples fato de
existir.**

Meu canto é teu, minha senhora...

[...] Então... Antes de ecoar 'Amém' na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se. Uma criança está ouvindo."

(Mary Griffith)

AGRADECIMENTO

Agradecer não é um ato fácil, talvez, por isso, seja uma das virtudes humanas mais bonitas. À medida que agradecemos, reconhecemos a nossa incompletude, as nossas faltas e falhas e as nossas dependências. Agradecer exige humildade e, acima de tudo, reconhecimento.

É, pois, por acreditar nessa incompletude, que venho AGRADECER a todos que de certa forma me “completam”.

Primeiramente, agradeço a Deus pelo Cuidado, Atenção e Amor com os quais sempre me guarda.

À minha mãe Helena, por todo Amor, Confiança e Incentivo. É nela que busco forças (e sempre encontro) para continuar. Obrigado pelas suas palavras e pelos seus SILÊNCIOS, sábios silêncios, eles ressoam em mim e fazem com que eu busque ser uma pessoa melhor a cada dia. Obrigado, mainha, por tudo!

Meus agradecimentos a Brivaldo, meu pai, pelas vibrações dadas a cada vez que galgo mais um degrau nessa árdua e prazerosa estrada.

Aos meus irmãos, Jefferson e Elizabeth, por todo Carinho, Amizade e Companheirismo. Eu não estaria hoje aqui sem o apoio de vocês.

Ao meu sobrinho, Pedro Henrique, que a cada “TIO!” que profere, revigora em mim a vontade de viver.

Ao meu cunhado, por reconhecer a importância de uma Família e querer sempre o melhor para todos. Meus agradecimentos e admiração a você, Helimar.

À Meydson Gutemberg (NIN), por todos os gestos... Do SILÊNCIO ao GRITO de alerta, sempre querendo o meu melhor. OBRIGADO, em maiúsculo, a você!

À dona dos olhos que eu gostaria de ter para ler o mundo, minha amiga, confidente e orientadora, Professora Dr^a Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo, obrigado por toda Atenção, Amor, Dedicção, Incentivo e troca de conhecimento. Saiba Nadia, que são pessoas como você que tornam o mundo mais leve! Acreditar no ser humano é o que você sabe fazer de melhor... Sua delicadeza, competência, sensibilidade e sabedoria encantam qualquer pessoa... Obrigado por ter me escolhido e contribuído para que hoje eu me inscreva em outra Posição-sujeito. Obrigado, também, pela delicadeza com a qual conduziu esse trabalho. Meus eternos agradecimentos, MESTRE!

À Professora Dr^a. Renata Fonseca Lima da Fonte, pelo aceite em participar da banca examinadora desse trabalho e por todas as valiosas contribuições.

À Professora Dr^a. Fátima Soares que, apesar dos seus nove meses de gestação, aceitou com alegria participar desse momento único em minha vida.

A todos que fazem a Unidade de Gestão de Redes (UGR) da Gerência Regional de Educação (GRE – Mata Centro) pelo apoio e palavras positivas... Vocês foram fundamentais nesse processo!

À Gestora da GRE Mata Centro, Professora Ana Maria de Melo Xavier, pela generosidade, por todo apoio e confiança. Venço essa etapa e realizo esse sonho, graças ao seu entendimento e incentivo.

À minha AMIGA, Jadilma de Arantes Chagas, por achar compreensão aonde não se tinha. Por estar presente sempre, mesmo que não fisicamente, pelos choros e sorrisos... Obrigado, Querida, por tudo!

À também minha AMIGA, Joicy Gomes, pela alegria espontânea a qual transmite. Pelo seu olhar sempre positivo para a vida!

Ao meu AMIGO, Ernando Martins, que desde a graduação me contempla com a sua amizade. Obrigado por fazer parte dos meus melhores momentos.

Às minhas AMIGAS, Tatiana Fradique e Maria de Lourdes, pela amizade e disponibilidade em ajudar.

À Ildinária, Mãe que a vida me deu, por acreditar sempre em mim. Pela sensibilidade a qual me ouve. Pelas sábias palavras de apoio e fortalecimento. Muito obrigado, “Santa”, a senhora contribuiu muito para que esse momento chegasse.

À Raquel, Flávia, Magdala, Frásão e Ronaldo, agradeço, mais uma vez, pela cooperação e disponibilidade em ajudar. Obrigado, meus AMIGOS!

Aos meus grandes AMIGOS e MESTRES Constantino Cavalcanti e Hialene Esley, por terem me oportunizado no mundo da Educação. Foi através de vocês que tudo começou!!!

Agradeço à VIDA, que sem ela nada SIGNIFICARIA!

Por fim, não quero cometer injustiças, mas elas são inevitáveis. Agradeço, então, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização de mais uma etapa em minha vida. MUITO OBRIGADO A TODOS, pois, é chegado o momento de ABRAÇAR E AGRADECER!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o funcionamento do discurso sobre a homossexualidade, desde a sua constituição à sua maneira de significar em diferentes condições de produção. Fundamentado sob a perspectiva da Análise do Discurso de Linha Francesa, filiamo-nos às concepções teórico-metodológicas de seu articulador, Michel Pêcheux. O *corpus* ao qual discorreremos os nossos gestos interpretativos é o filme estadunidense “Prayers for Bobby” (Orações para Bobby), o qual versa sobre a homossexualidade na adolescência no contexto de uma família religiosa tradicional. Apesar de não ser do nosso interesse generalizar os costumes e a estrutura familiar apresentada na trama, o estudo aqui realizado possibilita um outro olhar acerca da homossexualidade, funcionando, também, como um agente esclarecedor, que pode auxiliar na discussão do tema e contribuir para que menos manifestações de preconceito aconteçam na sociedade. Uma vez definido o *corpus* do nosso trabalho, realizamos alguns recortes que geraram as sequências discursivas posteriormente analisadas a partir do nosso olhar teórico-analítico. Para isso, sustentamo-nos nas concepções teórico-analíticas de Pêcheux (1969, 1975, 1983, 2004, 2010), Courtine (2006, 2009, 2010), Indursky (2011, 2013), Orlandi (1999, 2009, 2012, 2013), Baronas (2011), Mussalim (2011) entre outros. Dessa forma, nosso estudo é dividido em duas partes: a primeira refere-se ao capítulo teórico, que fornece toda a base para a investigação proposta e, a segunda parte, composta por subitens que se relacionam e proporcionam proceder com nossos gestos analíticos. Em síntese, nossa inquietação, nesta pesquisa, é, sobretudo, acerca das condições de produção dos discursos presentes na trama, perpassando, também, pelas concepções de deslizamento de sentido, formações ideológicas, formações discursivas, memória discursiva, interdiscurso e posição-sujeito, bem como a maneira como cada sujeito significa, sendo atravessado pela ideologia. Concluímos, ainda que provisoriamente, considerando a incompletude do sujeito e do discurso, que o interdiscurso sobre a homossexualidade está cristalizado na sociedade desde muito cedo e que são as Formações Discursivas (FD) dominantes que fazem com que discursos homofóbicos acerca do homossexual se disseminem, gerando, no *corpus* analisado, o silenciamento do sujeito homossexual.

Palavras-chave: Homossexualidade. Análise do Discurso. Filme.

ABSTRACT

This study aims to investigate the operation of the discourse on homosexuality, since its constitution to its way to mean in different production conditions. Based on the perspective of French Discourse Analysis, came to us theoretical and methodological conceptions of their articulating, Michael Pêcheux. The *corpus* on which we commented our interpretive gestures is the American movie "Prayers for Bobby", which deals with homosexuality in adolescence in the context of a traditional religious family. Therefore, it's not in our interest to generalize the customs and family structure presented in the plot. Having defined the *corpus* of our work, some cuts were made that generated the discursive sequences subsequently analyzed from our theoretical and analytical look. For that, we based on the theoretical and analytical conceptions of Pêcheux (1969, 1975, 1983, 2004, 2010), Courtine (2006, 2009, 2010), Indursky (2011, 2013), Orlandi (1999, 2009, 2012, 2013), Baronas (2011), Mussalim (2011) and others. So, our study is divided into two parts: the first referred to the theory chapter, which gives the basis to the investigation proposed and, the second, compounded by subitems that correlate and provide to proceed with our analytical gestures. In short, our concern in this research is primarily about the production conditions of discourse present in the plot, passing also by sliding conceptions of meaning, ideological formations, discursive formations, discursive memory, interdiscourse and subject-position, and how each subject means, being crossed by ideology. We conclude, albeit tentatively, given the incompleteness of the subject and the discourse that the interdiscourse on homosexuality is crystallized in society from an early age and that are the Discursive Formations (FD) dominant that make homophobic discourses about homosexual spread, generating in the analyzed corpus the silencing of the homosexual subject.

Keywords: Homosexuality. Discourse analysis. Movie.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	A ideologia em Althusser.....	32
Tabela 02	Legendas atribuídas para cada personagem.....	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	A AD enquanto disciplina de entremeio.....	31
Figura 02	Charge sobre o Movimento Sem Terra (MST).....	36
Figura 03	FI e FD e seu(s) efeito(s) de sentido.....	37
Figura 04	Bobby em consulta psiquiátrica.....	53
Figura 05	Bobby sendo questionado pela mãe ao chegar tarde em casa....	55
Figura 06	Bobby em conflito sobre sua condição de homossexual.....	58
Figura 07	Bobby encontra bilhete frente ao espelho.....	60
Figura 08	Bobby e seu irmão, momentos antes de confessar sua homossexualidade.....	62
Figura 09	Bobby cometendo suicídio ao atirar-se da ponte.....	64
Figura10	Pastor em cerimônia fúnebre salienta o “pecado” de Bobby.....	66
Figura11	Mary questionando o Reverendo sobre seu posicionamento frente à homossexualidade.....	68
Figura12	Mary em discurso a favor da homossexualidade.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 Homossexualidade: um breve percurso histórico.....	19
1.1.1 Homossexualidade em Foucault.....	24
1.2 A Análise do Discurso de Linha Francesa.....	26
1.2.1 Condições de Produção, Interdiscurso e Pré-construído.....	33
1.2.2 Formação Ideológica e Formação Discursiva.....	34
1.2.3 A Política do silêncio/Silenciamento.....	38
1.2.4 Deslizamento de Sentido e Posição Sujeito.....	40
CAPÍTULO 2	
PERCURSO METODOLÓGICO	43
2.1 Do <i>corpus</i> analisado.....	45
2.2 Da seleção das Sequências Discursivas às Análises.....	47
CAPÍTULO 3	
ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> DISCURSIVO	49
3.1 O Discurso em Orações para Bobby (situando no <i>corpus</i>).....	49
3.2 Formações Ideológicas e Discursivas em Cena.....	51
3.3 A política do Silêncio/Silenciamento em Cena.....	57
3.4 Deslizamento de Sentido, Posição-sujeito e Memória em Cena.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

A homossexualidade, mesmo sendo efetivamente presente na contemporaneidade, ainda é um assunto de grande repercussão, principalmente quando abordado dentro de uma família tradicional, como a do filme “Orações para Bobby”.

É por ser sempre atravessada por discursos outros que a homossexualidade, desde a história da humanidade, provoca discussão e diferentes pontos de vista. Discursos como o religioso, o médico e o da ordem do social refletem na maneira de como a sociedade enxerga esses sujeitos, trazendo à tona, na grande maioria das vezes, discursos discriminatórios e de aversão a esses indivíduos.

Tomados por tal inquietação, propomos, nesta pesquisa, a realização de um estudo que compreenda holisticamente essa “colcha de sentidos” que paira sobre a homossexualidade, no filme “Orações para Bobby”. É, pois, nesse sentido, que utilizamos a Análise do Discurso de Linha Francesa como teoria e procedimento analítico para, através dos seus métodos de análise e de suas concepções bem definidas, que perpassam pela ordem da língua, do sujeito, do sentido e da ideologia, problematizarmos, através da análise do *corpus*, o estudo aqui proposto.

Como já dito anteriormente, desde a história da humanidade se discute a homossexualidade e é nessas condições de produção que se localizou o surgimento daquele que pode ser considerado o primeiro veículo de comunicação de massa focado para a discussão franca e aberta dos direitos das minorias (negros, índios, mulheres) e, principalmente, dos homossexuais, no Brasil: *Lampião da Esquina* (que no segundo número abreviou o nome para *Lampião*, apenas), com edição mensal e tiragem de 20 mil exemplares.

Foi diante do constrangimento e do preconceito latente que um grupo de jornalistas viu, em fins da década de 1970, a oportunidade certa para fazer valer seus ideais democráticos. Trata-se de um período em que a discussão a respeito da sexualidade toma de assalto o panorama cultural e político,

juntamente com os novos ventos da redemocratização e o fim da censura prévia. “A era das rupturas influenciava o nascimento de uma imprensa altamente especializada, segmentada e de caráter militante, representada pelo jornal Lampião” (JUNIOR, 2006, p. 19).

Aproximadamente 30 anos depois, afirma Heeren (2011), as mídias impressas, cinematográficas e televisivas começam a tratar da homossexualidade como algo comum. As revistas trazem outro enfoque em seus textos, as novelas mostram o outro lado da homossexualidade, lado este pouco conhecido pela sociedade conservadora, e o cinema traz, através de alguns de seus filmes, uma abordagem mais delicada e sensível do ser humano homossexual.

A partir daí, inquietações foram surgindo e transformadas em questões de pesquisa. Que condições de produção estão presentes na história de Bobby e sua família? A que memória discursiva estão associados os discursos das personagens? Que impacto têm os discursos religioso e familiar na identificação da homossexualidade? Em que formação discursiva estão identificados Bobby e sua família? Há inserção, através de deslizamento de sentido, em nova formação discursiva após a morte de Bobby?

A homossexualidade, nos debates atuais sobre discriminação, é salientada por Rios (2007) como a expressão mais controversa e a menos estudada e discutida, o que, em parte, indica a relevância da realização desta pesquisa. Diante desse contexto, buscamos com o presente trabalho analisar o discurso da homossexualidade no filme “Orações para Bobby”. Especificamente, visamos a identificar as condições de produção presentes na história de Bobby e sua família, o interdiscurso e o impacto dos discursos religioso e familiar na identificação da homossexualidade, além de investigar em que posição-sujeito e formação discursiva estão identificados Bobby e sua mãe antes e após a sua morte.

Para responder as questões e atingir os nossos objetivos, o trabalho está assim dividido: o primeiro capítulo intitulado “A HOMOSSEXUALIDADE

SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD)”, tratará da fundamentação teórica da pesquisa e, nesse sentido, foi traçado um panorama, fundamentado historicamente, sobre a história da homossexualidade a fim de buscar material que contextualize e subsidie o trabalho aqui proposto.

Discorrendo sobre o tema, tratamos, também, a homossexualidade à luz dos estudos Foucaultianos para, a partir daí, discorrermos sobre a Análise do Discurso de Linha Francesa (doravante AD) e algumas de suas concepções. Noções de ideologia, pré-construído, formação ideológica, formação discursiva, deslizamento de sentido, posição-sujeito e silenciamento serão tratadas por terem sido o aporte teórico usado como sustentação para nossas análises.

Uma vez situado o tema, a teoria e as concepções utilizadas para a análise, o segundo capítulo tratará do percurso metodológico que foi traçado para a análise do *corpus*.

O *corpus* analisado, por sua vez, por se tratar de um filme, foi estruturado em um conjunto de sequências discursivas recortadas dos enunciados proferidos pelos personagens presentes na trama e, é a partir dessa materialidade discursiva, que se discorrerão as análises.

No terceiro capítulo, de posse das sequências discursivas, gestos de interpretação serão desenvolvidos evidenciando cada concepção mencionada nos capítulos anteriores, a fim de comprovar, através da materialidade discursiva presente em cada uma, o que foi proposto na investigação aqui desenvolvida.

Por fim, apresentamos algumas considerações finais acerca das análises e apontamos para a necessidade de ampliação e discussão desse tema, tanto pelo olhar das concepções já elencadas aqui, como por uma ótica aqui não contemplada, diante da relevante importância do estudo desse tema para as ciências sociais e da linguagem. Pois, é através de estudos dessa natureza que possibilitamos a discussão da homossexualidade numa perspectiva holística e provocamos uma reflexão teórica e social sobre o

assunto à medida que elucidamos, à luz da teoria, aspectos importantes para a constituição desses sujeitos e discursos na/pela sociedade.

CAPÍTULO 1 – A HOMOSSEXUALIDADE SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD)

Nesse item, discorreremos sobre a homossexualidade buscando compreender, através do percurso histórico percorrido, como a homossexualidade é encarada durante toda a história da humanidade, buscando, além de elementos e fatores históricos e sociais, apoio nos estudos filosóficos de Foucault sobre o tema.

Para tanto, por uma questão de organização, optamos por separar o objeto de estudo desta pesquisa (homossexualidade) da teoria de suporte (AD), nos dois primeiros momentos, para, enfim compreendê-las juntas.

1.1. Homossexualidade

Há muitos anos, os estudos sobre gênero enxergavam a heterossexualidade como algo basilar, determinado biologicamente. A concepção de que alguns comportamentos são inerentes do sexo feminino ou masculino está apoiada na possibilidade de procriação. Essa possibilidade aparece primeiramente no prisma dos valores e da moral, demarcados social e historicamente por uma rede de sentidos, que faz circular as normas que acabam sendo naturalizadas, ou seja, adquirem o estatuto de verdades universais (SWAIN, 2001).

Para compreender o percurso histórico da homossexualidade torna-se imprescindível um olhar para as formas com que as sociedades reagem a estas questões nas mais diversas culturas. Dessa forma, os relatos mais antigos sobre a homossexualidade na construção das sociedades ocidentais são citados no livro de Gênesis, cap. 18 e 19 da Bíblia, fazendo menção à cidade de Sodoma, que fora destruída em virtude do alto índice de promiscuidade de sua população, dando enfoque na história de Ló e alguns homens que buscavam ter relações sexuais com os anjos enviados por Deus. Embora a veracidade desses fatos seja discutida, percebemos que as sociedades hebraicas já traziam consigo fatos relativos à homossexualidade. Ainda na cultura grega, a pederastia, que consiste em relações sexuais entre

homens mais velhos (Erastes) com jovens ou adolescentes (Eromenos) era tida como algo normatizado, pois segundo Borrillo (2010), mesmo que essa relação assumisse o caráter de uma preparação para a vida marital, os atos homossexuais usufruíam de verdadeiro reconhecimento social, trazendo o exemplo de Ganimedes, filho de um rei troiano que após ser raptado por Zeus torna-se seu copeiro e seu amado (BREMNER, 1991). Assim, com esse registro observamos que no contexto da Grécia Antiga era vergonhoso não possuir um amante mais velho do mesmo sexo. Em cidades como Esparta, a pederastia era regulamentada legalmente e aqueles que não escolhiam um rapaz para ser seu amado eram punidos nos rigores da lei. Já no período grego arcaico, ocorriam também em algumas regiões da Grécia, relações entre mulheres mais velhas e garotas, análogas às relações pederásticas masculinas.

Entre os romanos, os ideais amorosos eram equivalentes aos dos gregos, pois a pederastia era encarada como um sentimento puro. Corroborando com o que foi dito anteriormente, um diálogo do escritor grego Luciano de Samósata relata que

[...] o casamento é, para os homens, uma necessidade e algo de precioso se esse homem é feliz; por sua vez, o amor pelo efebo (adolescentes, geralmente 16 a 18 anos) é, em minha opinião, efeito da verdadeira sabedoria. Assim o casamento destina-se a todos, enquanto o amor pelos efebos é um privilégio reservados aos sábios (SAMOSATENIS, 1867, p. 403 apud BORRILLO, 2010).

Para Rodrigues e Lima (2008), boa parte do modo como os povos da Antiguidade encaravam o amor entre pessoas do mesmo sexo pode ser explicada, ou ao menos entendida, se levarmos em conta suas crenças, pois na mitologia grega, romana ou entre os deuses hindus e babilônios, por exemplo, a homossexualidade existia e muitos deuses antigos não tinham sexo definido. Alguns, como o popular hindu Ganesh, da fortuna, teriam até mesmo nascido de uma relação entre duas divindades femininas, sendo, desta forma, comum perceber que, na Antiguidade, o sexo não tinha como objetivo exclusivo a procriação.

Isso começou a mudar segundo Rodrigues (2004, p. 17), porém, com o advento do cristianismo e, o judaísmo já pregava que as relações sexuais tinham como único fim a máxima exigida por Deus: “Crescei e multiplicai-vos”. Até o início do século IV, essa ideia, porém, ficou restrita à comunidade judaica e aos poucos cristãos que existiam.

Nessa época, o imperador romano Constantino converteu-se à fé cristã e, na sequência, como afirmado por Rodrigues (2004, p. 19), o cristianismo tornou-se obrigatório no maior império do mundo. Com isso, o sexo passou a ser encarado apenas como forma de gerar filhos e a homossexualidade virou algo antinatural, sendo esta prática agora encarada como nociva para o indivíduo e a sociedade, ou seja, como assevera Borrillo (2010), emanam da tradição judaico-cristã elementos precursores de uma hostilidade contra lésbicas e gays. A sexualidade entre pessoas no mesmo sexo era considerada indispensável na vida do indivíduo (sobretudo masculino) no pensamento pagão. Por sua vez, o cristianismo, ao acentuar a hostilidade da Lei judaica, começou por situar os atos homossexuais – e, em seguida, as pessoas que os cometem – não só fora da Salvação, mas também e, sobretudo, à margem da Natureza.

A preocupação científica com os gays teve início no século XIX, como assevera Borrillo (2010, p. 32), começando a situação a mudar apenas no fim do século passado, quando a discussão passou a se libertar de alguns estigmas. Em 1979, a Associação Americana de Psiquiatria finalmente tirou a homossexualidade de sua lista oficial de doenças mentais havendo, portanto, uma quebra dos estereótipos homossexuais, o que é denominado por Foucault de “Discurso Reverso”, afirmando o autor que

não há dúvidas de que a aparição, na psiquiatria, jurisprudência e literatura do século XIX, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” tornaram possível um forte avanço de controles sociais nesta área de “perversidade”; mas isso também tornou possível a formação de um “discurso “reverso””: a homossexualidade começou a falar em seu próprio nome, a exigir que sua legitimidade ou “naturalidade” fossem reconhecidas, muitas vezes no mesmo vocabulário, usando as mesmas categorias pelas quais eram medicamente desqualificadas (FOUCAULT, 1984 p. 101).

Nesta mesma época, o advento da AIDS teve um resultado ambíguo para os homossexuais, pois, de acordo com Ferrari (2011, p. 63), embora tenha ressuscitado o preconceito, já que a doença, que foi associada aos gays, a princípio, também fez com que muitos deles viessem à tona, sem medo de mostrar a cara, para reivindicar seus direitos.

Durante os anos 80 e 90, a maioria dos países desenvolvidos descriminalizou a homossexualidade e proibiu a discriminação contra gays e lésbicas. A partir daí, conceitos já existentes, porém pouco difundidos, começam a emergir na sociedade. A homofobia surge em 1971 para caracterizar a aversão a pessoas do mesmo sexo, pois, segundo Borrillo (2010, p. 22)

O termo 'homofobia' designa, assim, dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social.

Dessa forma, toda prática que demonstre aversão, ódio, ou qualquer tipo de preconceito ligado à homossexualidade é caracterizada como homofobia. O surgimento desse fenômeno segundo Scola e Amaral (2007, p.7), está intimamente ligado à necessidade que alguns indivíduos têm de reafirmar os papéis tradicionais de seu gênero, onde muitas vezes essa necessidade tem seu fundamento em argumentos religiosos, políticos e culturais, o que acaba repercutindo, diretamente, na sociedade contemporânea, através de atos homofóbicos violentos que acontecem diariamente na sociedade.

A expressão "homossexual" foi criada em 1848, pelo psicólogo alemão Karoly Maria Benkert, que traz a seguinte definição para o termo: "Além do impulso sexual normal dos homens e das mulheres, a natureza, do seu modo soberano, dotou à nascença certos indivíduos masculinos e femininos do impulso homossexual (...). Esse impulso cria de antemão uma aversão direta ao sexo oposto". Porém, observamos no cristianismo uma tolerância

compassiva em relação aos indivíduos homossexuais, ou seja, apesar da mudança de tom, subsiste a homofobia cristã (BORRILLO, 2010 p. 59). É o que observamos na última versão do Catecismo da igreja católica (1992), que estabelece o seguinte, na alínea 23581

[...] eles devem ser acolhidos com respeito, com paixão e delicadeza. Evitar-se-á, para com eles, qualquer sinal de discriminação injusta. Essas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus em suas vidas, e, se forem cristãs, a unir, ao sacrifício da cruz do senhor, as dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição.

E para concluir, o Catecismo acrescenta:

As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de auto domínio, educadoras da liberdade interior, às vezes, pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, elas podem e devem aproximar-se gradual e resolutamente, da perfeição cristã (alínea 2359).

Observamos que a igreja, em seus discursos, apresenta-se muito mais sutil, porém não desvinculada da sua ideologia heteronormativizada, ou seja, cabe à igreja acolher com compaixão os homossexuais para que os mesmos sejam curados, ou na pior das hipóteses, abdicuem de sua vida sexual. O que podemos asseverar com a seguinte passagem

Um ato humano é um pecado, assinala Tomás de Aquino, quando é contrário à ordem estabelecida pela razão. Ora, essa ordem consiste na adaptação dos meios ao fim; por tanto não há pecado em utilizar, segundo a razão, as coisas para seu próprio fim, ao respeitar a ponderação e a ordem, contanto que esse fim seja um verdadeiro bem. Mas a conservação da espécie é um bem não menos excelente que o do indivíduo; ora, do mesmo modo que este serve-se da alimentação como meio aquele utiliza a volúpia. O que os alimentos são para o homem, diz Santo Agostinho, o comércio carnal o é para a humanidade. Portanto, do mesmo modo que o uso dos alimentos pode ser isento de pecado, se ele é adequado para a saúde dos corpos, assim também o uso da volúpia pode sê-lo, se observar a ponderação e a ordem capazes de garantir seu fim que é a propagação humana (Tomás de Aquino, II a II ae, p. 153, a 2. apud BORRILLO, 2010 p. 53).

Podemos constatar, através do discurso religioso, propagado por Tomás de Aquino que, toda e qualquer manifestação voltada para a procriação humana é passível de justificativa, logo, encarada como prática não pecaminosa, colocando, com isso, mais uma vez, a homossexualidade, por não ter o mesmo fim de propagação da espécie, como uma prática ubuesca.

1.1.1 Homossexualidade em Foucault

Podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas (ORLANDI, 2013). É nesse contexto que assumimos posicionamentos ideológicos a partir do lugar de onde falamos e de onde estamos inseridos.

Foucault (1984) assevera que a sexualidade é historicamente construída por dispositivos discursivos e de poder e, assim sendo, deve ser analisada levando-se em consideração as representações culturais como organizadoras da sexualidade e não como algo determinado biologicamente. Com esse mesmo olhar, Heilborn (1996, p. 137) corrobora dizendo que “a sexualidade não possui essência a ser desvelada, mas é antes um produto de aprendizado de significados socialmente disponíveis para o exercício dessa atividade humana”.

Foucault (1984), em uma de suas afirmações mais provocativas, diz que a homossexualidade moderna é de origem comparativamente recente. Muitos historiadores da homossexualidade traçaram conexões e continuidades entre os comportamentos e as identidades homossexuais do século XX, bem como de períodos anteriores. Este autor, ao contrário, insistia que a categoria de homossexual nasceu em um contexto particular por volta de 1870 e que, como a sexualidade em geral, deveria ser vista como uma categoria de saber construída, em vez de uma identidade descoberta.

Foucault (1984) não sugeriu que os relacionamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo não existiam antes do século XIX. No Renascimento, por exemplo, práticas sexuais, como sodomia, eram condenadas pela Igreja e

proibidas por lei, fossem elas homossexuais ou heterossexuais. Mas a diferença crucial entre a antiga forma de regular práticas sexuais e aquela do final do século XIX reside na pretensão dessa última em identificar o que Foucault (1984, p. 43) chamou “espécie”, um tipo aberrante de ser humano definido por uma sexualidade perversa.

A homossexualidade apareceu como uma das formas de sexualidade quando foi transposta da prática de sodomia para um tipo de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita tinha sido uma aberração temporária; o homossexual era agora uma espécie. (FOUCAULT, 1984, p. 43)

Desta forma, enquanto homens e mulheres do século XVI talvez fossem levados a confessar que haviam se entregado a práticas sexuais vergonhosas contra a lei de Deus e dos homens, um homem do final do século XIX envolvido em um relacionamento sexual com outro homem seria classificado como “Homossexual”, que por sua vez, era visto como alguém totalmente tomado de sexualidade, pois, esta, para Foucault (1984) “estava presente nele por toda a parte: na raiz de todas as suas ações”.

Os aspectos da construção da homossexualidade, no final do século XIX e no começo do século XX, são bastante claros. O fato de que a posição ou identidade de um sujeito sejam construídas não as faz menos reais para o identificado. O homossexual foi patologizado, segundo Fry e MacRae (1985, p. 65), como um tipo perverso ou desviante, um caso de desenvolvimento interrompido, um caso passível de tratamento e até mesmo de cura, em suma, uma aberração à norma heterossexual. Como tal, ele era sujeito aos efeitos disciplinadores, marginalizadores e subordinadores do controle social.

Não há relações de poder sem resistências; essas últimas são mais reais e efetivas porque são formadas bem no ponto onde as relações de poder são exercidas; a resistência ao poder não precisa vir de outro lugar para ser real, nem é inexoravelmente frustrada por ser compatriota do poder...” (FOUCAULT, 1980, p. 142)

Na realidade, segundo Foucault (2003), quando falamos, o nosso discurso reflete uma ideologia, um sistema de valores que nos precede. Desta forma, entendemos que o discurso está na ordem das leis e que o poder que lhe é conferido advém da própria instituição, logo, por mais que o discurso seja, aparentemente, bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder.

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2003, p. 09).

Ainda sobre interdição, o autor assevera que a reconhece como uma das mais potentes formas de exclusão. Para o filósofo, as áreas onde este processo é mais forte são a sexualidade e a política, revelando, portanto, sua intimidade próxima do desejo e do poder.

No próximo item, discutiremos a sustentação deste trabalho, a Análise do Discurso de linha francesa (AD), que será teoria e procedimento analítico. Por este motivo, neste momento, considera-se relevante a marcação da sua filiação teórica e principais concepções, necessárias à análise que será realizada adiante.

1.2 A Análise do Discurso de Linha Francesa

A Análise do Discurso pecheuxiana (AD), que teve marco inicial em 1969, instaura-se numa conjuntura teórica sustentada, de um lado pela Linguística – representando a teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação, que possibilita, segundo Lagazzi (1998, p.53) chegar-se “ao objeto discursivo que, através da dessintagmatização discursiva, explicitará a determinação histórica dos processos semânticos, ou seja, a produção dos efeitos de sentido [...]”. De outro, pelo Marxismo – representado por Althusser em sua releitura de Marx que, segundo Ferreira (2015, p. 15) “o

homem faz a história, mas esta também não lhe é transparente, convoca-se, assim, uma teoria materialista da história para explicar os fenômenos das formações sociais.”; bem como, ainda, pela psicanálise lacaniana, que contribui com as discussões sobre a questão do sujeito constituído pelo seu outro e pelo inconsciente.

À Linguística, faz-se necessário compreender que sua importância nessa composição está no fato de ser uma ciência da linguagem e, como tal, haverá de garantir cientificidade aos estudos feitos a partir dela. Há, contudo, a se esclarecer que não serve à AD a visão da linguagem verbal de que se ocupa a Linguística. Isso porque o recorte feito por esta vê a linguagem verbal não como língua (Langue) “na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo” (MUSSALIM, 200, p. 102). Dessa forma, a AD se configura como uma disciplina de interpretação, não havendo, portanto, sentido sem interpretação. Cazarin (2004, p. 44) comenta ainda que: “quando se escreve que não há sentido sem interpretação e que esta é concebida como um gesto, se está querendo enfatizar que, em AD, a interpretação é social e historicamente determinada”. Nesse contexto, tendo em vista a necessidade inerente ao homem de interpretação, estamos, todos, condenados a buscar incessante e quimERICAMENTE esses efeitos de completude.

Decorre daí a diferença entre o pensar da Linguística e o pensar da Análise do Discurso. Esta, ao conceber a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, parte não da língua, mas do discurso. Para isso, leva em conta o homem na sua história e considera os processos e as condições de produção dessa linguagem, porque o discurso não é senão “um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto” (ORLANDI, 1999, p. 16). Enquanto a linguagem saussureana vê a relação significado/significante numa correspondência equivalente, a AD pressupõe a incompletude como condição da linguagem, não haveria uma relação ipisiliteris entre sentido e significante, pois “nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento” (ORLANDI, 1999, p. 52). Comungando com o que nos afirma

Orlandi, Leandro Ferreira (2000, p. 15), corroborando com Gadet e Pêcheux (2004), assevera ainda que:

A noção de que a *falta* é estruturante, de que a língua comporta em seu interior um espaço para as falhas, as brechas, o impossível é, de certo modo, um endosso à tese da resistência. Nesse sentido, o princípio de que em se tratando de linguagem *não se pode dizer tudo* me pareceu sempre atraente a um filão promissor como investigação. O equívoco irrompe como lugar de resistência que é inerente à língua e à sua constituição e compatível com a natureza instável, heterogênea e contraditória de um sistema não-fechado. (grifos da autora).

Portanto, partimos do mesmo ponto de vista sustentado e defendido por Pêcheux de que a língua, enquanto sistema é um rito com falha e derivas e é, justamente, a relação desse sistema com a sua exterioridade (compreendida enquanto aspectos sociais, históricos e ideológicos) que constituem os sentidos que atravessam os discursos. Dessa forma, a língua enquanto condição do discurso é falha e constitutivamente atravessada pelo real da história: a contradição.

A Análise de Discurso (AD) é usada como teoria e procedimento analítico neste trabalho, sobretudo, pela relação que faz entre o real da língua e o real da história¹. Conforme Orlandi (1999), a língua transparente, produtora de sentido por si só, língua esta, fechada nela mesma, enquanto sistema de regras formais e abstratas, que será objeto da linguística, é deixada de lado para dar lugar à análise da língua enquanto objeto não transparente, opaco, mas enquanto palavra em movimento, prática de linguagem, ou seja: atravessada pelo discurso. Para a AD, a língua importa na medida em que seu funcionamento gera sentido, enquanto trabalho social simbólico, enquanto elemento constitutivo do homem e de sua história. Nesse contexto, segundo Orlandi,

¹Eni P. Orlandi (1999, p. 19-20), dirá, com base em Pêcheux (1975), que para a Análise de Discurso: “a. a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem); b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos); c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”.

a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. (...) O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (...) Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer.” (ORLANDI, 1999, p. 15-16).

Mais adiante, a autora argumenta, ainda, que

a Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. (...) não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. (...) Em suma, A Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. (...) Produzem-se assim novas práticas de leitura. (ORLANDI, 1999, p. 26- 27).

É nesse contexto que atravessamos os efeitos de transparência da linguagem, como propõe Orlandi (2013), para investirmos na opacidade da linguagem, campo este que nos proporciona um movimento de interpretação e nos permite contemplar os mecanismos de condições de produção e efeitos de sentido.

É nesse contexto que a AD se funda como um projeto teórico que surge a partir das reflexões, influências e inquietações teóricas de Michel Pêcheux, atravessado pelas influências das teorias de Saussure, Marx e Freud. Consolida-se, dessa forma, como uma corrente teórica de cunho intelectual, filosófico e político que surge em meio às questões políticas vivenciadas em 68 na França. Nesse sentido, aponta Courtineque

[...] a história da Análise do Discurso na França seria incompreensível se não levássemos em conta sua dimensão política: o fato de que, na origem, aqueles que contribuíram para fundá-la eram militantes não apenas de esquerda, mas marxistas, que pensavam que uma certa **política da leitura**, apoiada sobre o marxismo e a linguística, permitia levantar os véus que a dominação ideológica punha sobre as formas culturais da vida política e social. (COURTINE, 2010, p. 29, grifos do autor).

Dito isso, é imprescindível salientar que a carreira teórica, política e filosófica de Pêcheux, além de receber todas as influências anteriormente citadas, nos mostra o legado de um homem que escreve uma obra que nunca acaba. Ainda fazendo referência ao campo de constituição da AD, Orlandi (2012, p. 20) defende categoricamente:

[...] Se a Análise do Discurso é herdeira de três regiões do conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

É, pois, dessa maneira que a AD concebe o seu arcabouço teórico metodológico e se funda como uma disciplina de entremeio, operando, nesse contexto, sob o viés e influências da já mencionada Linguística, articulando com ela outras áreas da ciência, como a instaurada por Althusser, no retorno ao Marxismo e seu Materialismo Histórico que, através de um deslocamento resgata a teoria Ideológica; Lacan, à medida que retoma e refuta a teoria psicanalítica do inconsciente instaurada por Freud; e Foucault, propondo uma teoria do discurso. É a partir desse contexto que representaremos, a seguir, essa tríade epistemológica a qual emergiu a AD.

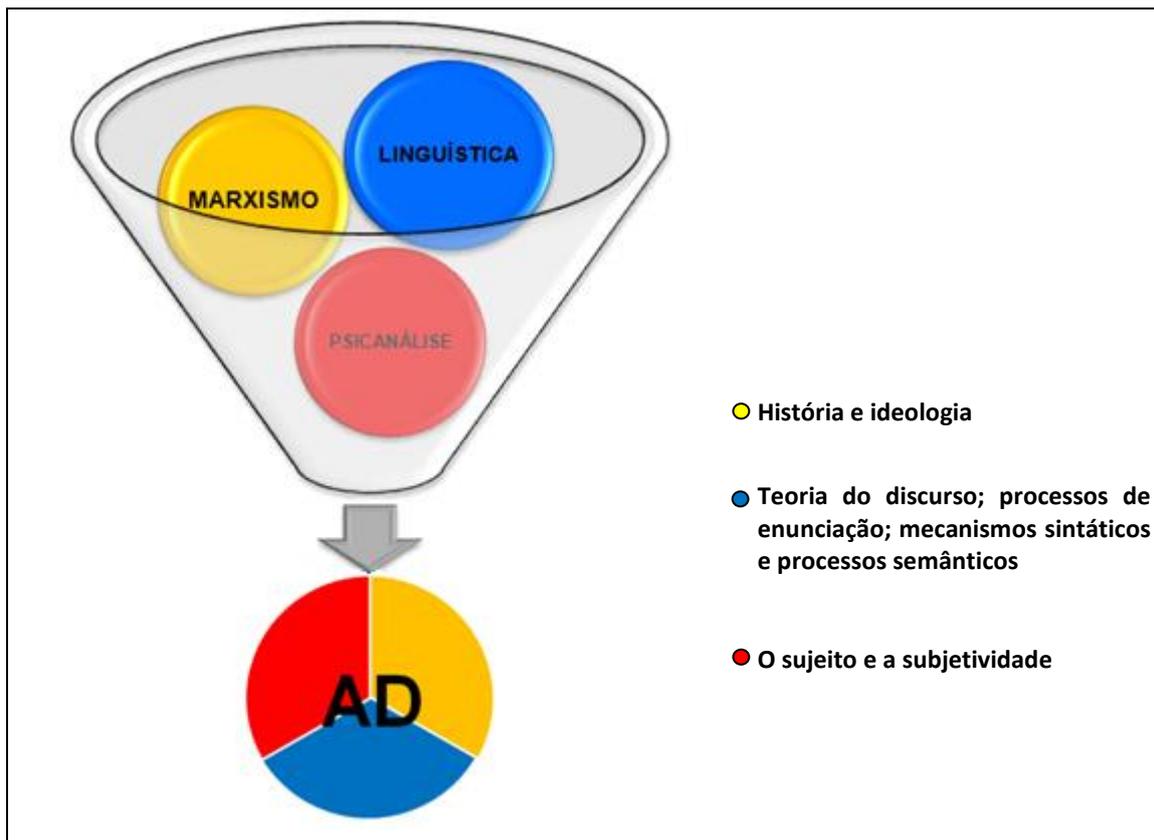


Figura 1 – A AD enquanto disciplina de entremeio. **Fonte:** Elaboração do autor.

Evidenciada a constituição da AD como disciplina de entremeio, cabe-nos, aqui, mostrar as contribuições de cada área do conhecimento nesse processo. Uma vez dada, anteriormente, a importância da Linguística nessa composição, através dos seus mecanismos sintáticos e semânticos, nos deteremos agora às contribuições dadas pelo Marxismo e pela Psicanálise.

Althusser em sua releitura de Marx, segundo Mussalin (2001), toma como hipótese que as ideologias têm existência material devendo, assim, serem estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Segundo a mesma autora, Althusser afirma que a linguagem apresenta-se como um lugar privilegiado em que há a materialização da ideologia, logo, podemos inferir que é via linguagem que podemos depreender o funcionamento da ideologia.

Segundo Brandão (2013), Althusser, para explicar o que considera como ideologia em geral, formula três hipóteses, a saber:

a) “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência”.	Nesse contexto, o autor salienta que a ideologia tem um caráter produtivo, pois é a partir dela que o homem produz, cria formas simbólicas de representação da sua realidade concreta.
b) “a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou práticas”.	Althusser afirma, dessa forma, que a materialização da ideologia ocorre à medida que, individualmente, nos inscrevemos em práticas ou rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos – [a religião, a escola, a família]. (colchetes nossos)
c) “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos”.	Salienta o autor, ainda, que é pela ideologia que nos constituímos sujeitos. E completa afirmando que é, somente, no/pelo sujeito que será possível a existência da ideologia. Logo, pode-se afirmar que todo sujeito é ideológico.

Tabela 1 – A ideologia em Althusser. **Fonte:** Elaboração do autor.

Desta forma, constatamos que a contribuição marxista foi decisiva na construção dos pressupostos teóricos da AD, sobretudo, quando se enfatiza que para a AD a ideologia pensada através da linguagem não é considerada uma visão de mundo, tampouco um ocultamento da realidade. Como uma teoria materialista do discurso, a AD vai trabalhar com esse efeito de evidência, revelando, assim, a opacidade do sentido, mostrando que a história, a linguagem e o sujeito não são transparentes. Para Orlandi (2012), o marxismo afirma a não transparência da história; a psicanálise afirma a não transparência do sujeito; e a linguística, por sua vez, se constitui na não transparência da língua, sendo, portanto, a análise do discurso, em seu objeto – o discurso – a responsável pela confluência dessas três formas de “opacidade”, a saber, a do sujeito, a da língua e a da história.

Assim, uma vez feita essa breve retomada às concepções que influenciaram a constituição da AD, nos itens seguintes, perpassaremos por algumas concepções que nos moveram para a análise do *corpus* aqui tomado, bem como as Sequências Discursivas (SD) que surgiram a partir do nosso movimento de análise.

1.2.1 Condições de Produção, Interdiscurso e Pré-Construído

Quando se fala em condições de produção, percebemos uma consonância entre tal definição tanto para Pêcheux (1969), quanto para Orlandi (2013). Ambos compreendem fundamentalmente, nesse processo, o sujeito e a situação. A autora também salienta que a memória faz parte desse processo de produção do discurso. Visando detalhar essas afirmações, Orlandi (2013) define as condições de produção da seguinte forma: condições de produção em sentido estrito e condições de produção em sentido amplo. Acerca do primeiro caso, é levado em consideração as circunstâncias, ou seja, o que está relacionado ao contexto imediato. Ao analisar um dado texto, o que deve ser levado em consideração para a produção do sentido é o suporte onde tal texto se encontra – se em livro, se em jornal, se em outdoor; o dado momento em que o texto foi escrito e a sua autoria. Logo, nas condições de produção do sentido estrito, o contexto situacional é que é levado em conta.

Já quando se pensa nas condições de produção em sentido amplo, não se considera mais o contexto imediato, mas o contexto amplo. A partir daí passam a contar para o sentido, elementos de ordem sócio-histórica e ideológica que são atravessadas pelas relações de força, expressas, por sua vez, em forma do discurso. Sobre condições de produção, assevera Orlandi (2003, p. 83 apud SILVA, 2014, p. 180) “O contexto histórico-social, a situação, os interlocutores – isto é o que chamamos tecnicamente de condições de produção – constituem a instância verbal produzida, ou seja, o discurso”. Vinculado a isso está a memória, que aparece como forma de interdiscurso, ou seja, temos como interdiscurso aquilo que fala antes, em um dado lugar e que

passa a constituir-se sob forma de pré-construído, no qual outros dizeres serão mobilizados. Orlandi (2013), acerca de interdiscurso afirma que

este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2013, p. 31)

Em suma, esses dizeres traduzindo-se em pré-construído, são efeitos de sentido que atingem os sujeitos para além de suas vontades, dito de outra forma, o sujeito, ao significar, através do seu discurso, está atravessado, mesmo que não tendo consciência disso, por discursos que exercem força sobre o seu dizer e que fazem parte de sua memória discursiva.

É nesse sentido, que abordaremos, no item seguinte, conceitos teóricos que constituem o sujeito através do seu dizer e determinam, dentro de um dado contexto, o que pode ou não ser dito.

1.2.2 Formação Ideológica e Formação Discursiva

A AD por ser uma teoria materialista do discurso, pensa a ideologia como mecanismo estruturante no processo de significação (ORLANDI, 2013), desta forma, torna-se a ideologia determinante para a construção do sentido. O sentido, por sua vez, não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que são produzidas as palavras. Pêcheux (2010), a esse respeito, assevera que “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam”, com base nisso podemos afirmar que o sentido será estabelecido de acordo com a posição ideológica sustentada por quem o profere, logo, nunca estará *a priori*. Segundo Haroche et al. (1971, p. 102 apud Brandão 2013, p. 47)

Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento determinado (determinado aspecto da luta nos aparelhos) susceptível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito uma em relação às outras.

Por sua vez, entenderemos por Formação Discursiva (FD), segundo Pêcheux (2010) e Orlandi (2013) ‘aquilo que numa Formação Ideológica (FI) dada, em um contexto sócio-histórico dado, determina o que pode e deve ser dito’. Dito de outra forma, a FI tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias FDs inerentes a ela, sendo, desse modo, os discursos, governados por formações ideológicas. Como exemplo, uma formação ideológica da colonização poderia trazer formações discursivas diferentes, como a da ocupação de terra pelo Movimento dos Sem Terra (MST) e a da preservação de terras mesmo improdutivas, como no dizer dos latifundiários.

Por outro lado, um mesmo enunciado pode aparecer em formações discursivas diferentes, gerando efeitos diversos de posição-sujeito.

Na charge a seguir, publicada na Folha de São Paulo, em 27/01/2001, *apud* Brandão (2015), observamos um mesmo enunciado pronunciado por posições-sujeitos diferentes. As condições de produção de ambas são distintas: a primeira se refere aos participantes do Fórum Social Mundial (realizado em Porto Alegre- RS), contrários à globalização e à política do neoliberalismo. Já a segunda, aos participantes do Fórum Econômico Mundial (realizado nos USA), que reúne representantes dos países mais ricos do mundo. Observamos, neste caso, FIs e FDs diferentes, apesar de um mesmo enunciado (único: “Vamos invadir o Mc Donalds!”). A invasão, no primeiro caso, desloca o sentido de ocupar, negar, com foices e bandeiras. No segundo, invadir é comer mesmo.



Figura 2 – Charge sobre Movimento dos Sem Terra (MST).

A fim de evidenciarmos o funcionamento do(s) discurso(s) em relação à sua constituição e efeitos, tornando mais claro uma concepção importante na AD, analisaremos a figura 3.



Figura 3 – FI e FD e seu(s) efeito(s) de sentido.

Observamos na figura acima a caracterização/rotulação de algumas imagens a partir do olhar de uma “elite branca”, ou seja, é nesse contexto que formações discursivas permitem o que pode e deve ser dito dentro de uma formação ideológica dada. É, pois, a partir do “olhar” do branco, na figura, que se rotula e se esteriotipa alguns modelos sociais. Há na figura a rotulação, segundo o olhar da “elite branca”, do ‘maloqueiro’, representado e rotulado por ser negro, usar boné para trás e óculos escuros; do pagodeiro, por ser negro, usar brincos e cabelos “arrepitados”; do bandido, por ser negro e andar de capús. Dessa mesma forma, evidenciamos que é a partir desses efeitos interpretativos que se associa o homossexual à promiscuidade, à AIDS e à patologia.

Sendo assim, segundo Fernandes (2015, p. 82)

Para compreender como qualquer materialidade significativa produz sentido é preciso considerar, em AD, os gestos de interpretação mobilizados por sujeitos interpelados pela ideologia e cujos sentidos são determinados histórico-socialmente. Considerar que há diferentes

gestos de interpretação é entender que a imagem não é evidente ou transparente, mas opaca e polissêmica.

Diante disso, ao lermos uma imagem ou nos posicionarmos frente a uma situação, estamos interpelados por uma ideologia que, por sua vez, determina a qual FD nos filiaremos.

Caminhamos, a partir de agora, para o próximo item, no qual abordamos a noção de política do silêncio/silenciamento.

1.2.3 A Política do Silêncio/Silenciamento

Quando tomamos o silêncio numa perspectiva teórica, enquanto analistas, nos colocamos em uma área delicada e sutil. Habitaremos, nesse contexto, entre o campo do dizível e do não dizível. Para tanto, focaremos no estudo de dois aspectos referente ao silêncio: o silêncio fundador, “aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar; silêncio e resistência, onde são analisados os mecanismos usados por vozes sociais, que são reprimidas por ideologias dominantes” (ORLANDI, 2013, p. 24).

Sendo o silêncio umas das formas de posição em que o sujeito se inscreve no sentido, fica evidente seu caráter de incompletude, sendo esse lugar o lugar do equívoco, do deslocamento de sentido. Nesse contexto, não temos o sentido preso a um lugar já definido, pois, o mesmo é construído na relação entre os locutores, sendo, ambos, constituídos ao mesmo tempo.

Na perspectiva da AD, compreendemos por silenciamento o funcionamento político-ideológico do silêncio por meio do discurso institucionalizado, desta forma, em nossa pesquisa, o silenciamento analisado representa o silêncio discursivo estabelecido pela Formação Ideológica cristã que opera como um Aparelho Ideológico/Repressivo que determina o que pode ou não ser dito dentro de suas Formações Discursivas.

Assim, de acordo com o que é posto por Orlandi (2013) através das suas discussões, consideramos que em todo discurso há uma face do silêncio. À medida que eu falo, outros dizeres são silenciados. Isso se dá porque o meu dizer funciona como um ato de imposição, que se concebe como uma forma dominante que exclui o sujeito e sua fala.

Florêncio (2007, p. 52) afirma que “o silêncio está em qualquer produção de sentido, pondo em funcionamento o que não pode dizer para poder dizer”, assim concluímos que o silêncio determina os limites do dizer à medida que há o apagamento de algum discurso por outro discurso para que esse não venha a inaugurar um sentido diferente da FD dominante.

Nos nossos gestos e movimentos de análise, tomamos o silêncio como trazido por Orlandi (2013)

O silêncio não é o vazio, ou o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva a uma compreensão do “vazio” da linguagem como um horizonte e não como falta. Evidentemente não é do silêncio em sua qualidade física que falamos aqui, mas do silêncio como sentido, como história (silêncio humano), como matéria significante. O silêncio de que falamos é o que instala o limiar do sentido. O silêncio físico não nos interessa, assim como, para a linguística, o ruído enquanto matéria física não se coloca como objeto de reflexão. (ORLANDI, 2013, p. 68).

É nesse silêncio instaurado no *corpus* analisado que vamos investigar como a política do silenciamento regula o que pode ou não ser dito, estabelecendo, nesse caso, uma relação direta com o dizer. Na realidade, segundo Ferreira (2015), “ao se proibir algo de ser dito, o que está sendo proibida é a formulação e a possibilidade de circulação de um determinado tipo de discurso, inscrito em determinada FD antagônica”. Ao proibir, dessa forma, o direito do sujeito proferir o discurso que denomina “seu”, tira-se dele o direito de assumir uma identidade e interdita seu direito à existência.

Ainda acerca desse processo de interdição, Orlandi (2013, p. 104) complementa que:

A censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proíbem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições. Se se considera que o dizível se define pelo conjunto de formações discursivas em suas relações, a censura intervém a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições. Como a identidade é um movimento, afeta-se assim esse movimento. Desse modo, impede-se que o sujeito, na relação com o dizível, identifique-se com certas regiões do dizer pelas quais ele se representa como (socialmente) responsável como autor.

Nesse contexto a autora esclarece que o silêncio está saturado de sentidos outros, que foram apagados por sujeitos filiados a outras FDs que, por sua vez, determinam o que pode ou não ser dito. Afirma, ainda, que a censura não pode ser considerada como um fato da consciência individual do sujeito e sim, deve ser pensada como um fato discursivo que se passa nas fronteiras das diferentes formações discursivas que estão em relação. Para ela, o problema da censura está, não no fato de impedir determinada informação, mas de evitar que haja trabalho histórico do sentido e, conseqüentemente, da identidade dos sujeitos. (ORLANDI, 2013, p. 139).

Em suma, nos referimos ao silêncio enquanto um processo ideológico, histórico e, por conseguinte, discursivo, simbólico e “material” que se materializa significando. O silêncio que, para nós, não é a marca do distanciamento da realidade, mas uma presença constante e significativa, materializando-se, muitas vezes, através da opressão e da censura dos sujeitos, causando o seu silenciamento.

1.2.4 Deslizamento de Sentido e Posição-sujeito

Para falarmos em Deslizamento de Sentido e Posição-sujeito, é inevitável que façamos um processo de retomada em algumas concepções já vistas. Retomamos aqui o entendimento de Formações Ideológicas e Formações Discursivas via o que foi dito nos itens anteriores. Salientamos que

o conceito de FD foi sofrendo modificações influenciadas por Pêcheux no âmbito da AD durante todo o percurso dos seus estudos.

Em um de seus retornos ao conceito de FD, Pêcheux estabelece que esta deve ser entendida, apenas, pela identificação plena dos sujeitos com os saberes da FD, através, do que Althusser denomina em seus estudos, de Forma-Sujeito. Essa noção compreende que todo ser humano, ou seja, ser social, só se torna agente de alguma prática revestindo-se da forma-sujeito, sendo, esta, por sua vez, designada por Pêcheux (2010, p. 150) como a “forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente de práticas sociais”. Nesse contexto, a FD é pensada como uma maquinaria discursiva.

Pêcheux (2010), tomado por essas questões, cria as modalidades de subjetivação do sujeito, as quais são classificadas por ele em: “bom-sujeito”, “mau-sujeito” e “desidentificação”. O “bom-sujeito”, para ele, é caracterizado como aquele que é plenamente identificado, sendo que seu discurso reflete espontaneamente a sua forma-sujeito da FD (PÊCHEUX, 2010 p. 199). Já para a segunda e terceira modalidade, respectivamente, o autor afirma que “o sujeito ‘se volta’ contra o Sujeito Universal por meio de uma “tomada de posição” (idem.). Percebemos, a partir daí, traços da contradição e da contra-identificação, à medida que nos deparamos com a entrada da heterogeneidade no momento em que o sujeito questiona os saberes aos quais é filiado. Por último, temos a modalidade responsável pela instauração do corte total no interior de uma FD, causando, com isso, segundo Pêcheux (2010, p. 201-202) “‘desarranjo-rearranjo’ do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse processo)”.

É, pois, a partir da retomada desses conceitos que nos deteremos ao Deslizamento de sentido, que se materializa em nosso *corpus* através desse processo de ‘desarranjo-rearranjo’, como colocado por Pêcheux op. cit. e comungado, posteriormente por Gregolin (2011, p. 168 apud BARONAS et al.) ao afirmar que o “tema (entendido aqui, neste trabalho, como a homossexualidade) é objeto de enunciados polêmicos que fazem deslizar sentidos tradicionalmente assentados”.

Indursky (2011) revela que quando o deslizamento de sentido acontece é porque houve resignificação de sentidos presentes em uma determinada FD, causando, com isso, a quebra do regime de regularização dos sentidos. Sobre esse processo de movimentação de sentidos, Pêcheux (1983[1990, p. 53] apud INDURSKY, 2011, p. 71) afirma que “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Logo, com essas afirmações, é perceptível que o sentido não é único e que o sujeito pode, a qualquer momento, se desidentificar ou contra-identificar-se com uma FD.

É nesse contexto que passaremos, a partir de agora, à descrição de como procedemos com a análise do *corpus*. Discorrendo sobre as concepções mencionadas anteriormente, vejamos o que os nossos gestos interpretativos evidenciam do documento aqui analisado.

CAPÍTULO 2: PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo surgiu da necessidade de investigação da homossexualidade no que se refere aos seus aspectos históricos, religiosos e sociais. Para tanto, o *corpus* utilizado para a realização da pesquisa foi o filme, estadunidense, *Prayers for Bobby* (Orações para Bobby), cuja temática versa sobre a homossexualidade na adolescência. Longe de ter a pretensão de generalizar os costumes e a estrutura familiar apresentada na trama, tampouco se deter a aspectos visuais, tais como, enquadramento de cenas, fundo musical, iluminação, dentre outros aspectos semióticos, tal estudo tem como foco investigar, através da materialidade discursiva, a ideologia das manifestações de preconceito vivenciadas na obra que, por sua vez, se materializam em discursos homofóbicos, bem como tornar ainda mais visível a importância da discussão de temas dessa natureza, de forma a contribuir para construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O estudo será desenvolvido pela perspectiva teórica da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD) fundada por Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Orlandi e outros estudiosos. A AD toma a materialidade linguístico-histórica de seu objeto de estudo como determinante para a análise, visto que é nesta que os sujeitos e sentidos se constituem descortinando o caráter movente e tenso do discurso. A partir da definição de nosso *corpus* de análise e de seus recortes discursivos, constituímos nosso dispositivo teórico e analítico, buscando compreender seu funcionamento discursivo e seu interdiscurso.

Mas, porque o/um filme? Em primeiro lugar, porque se trata de um documento que aborda de maneira clara e objetiva o tema aqui proposto. Acerca do documento, assevera Appolinário (2009, p. 67)

Qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Incluem-se nesse universo os impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais e sonoros, as imagens entre outros”

Em segundo lugar, porque, não sendo direcionado a um grupo social restrito, é considerado como um importante suporte que materializa discursos heterogêneos em circulação na sociedade.

Em seguida, foi feito um percurso de análise dos enunciados com o objetivo de responder às questões levantadas para comprovar as hipóteses formuladas, levando em consideração, especialmente, pensando em Análise de Discurso, que a constituição do *corpus* e a análise estão relacionadas. Ao tratar dessa questão, Orlandi (1999) argumenta que

a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus, já é decidir acerca de propriedades discursivas. (...) Em grande medida o corpus resulta de uma construção do próprio analista. (...) e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. (...) não dizemos da análise que ela é objetiva mas que ela deve ser o menos subjetiva possível (...). Concluída a análise, o que podemos avaliar é a capacidade analítica do pesquisador, pela habilidade com que ele pratica a teoria (...) e sua capacidade de escrita (...). Uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição. (...) o dispositivo analítico pode ser diferente nas diferentes tomadas que fazemos do corpus, (...) isso conduz a resultados diferentes. (ORLANDI, 1999, p. 63-64).

Dessa forma, para as análises, foram utilizadas, nesta pesquisa, algumas concepções da filiação teórica por nós utilizada, como as concepções de formações ideológicas, formações discursivas, silenciamento, deslizamento de sentido, memória discursiva, condições de produção, pré-construído e posição-sujeito. Da mesma forma, o esquecimento foi trazido à tona por desempenhar papel fundamental na investigação, pois o enunciado se desliza ou é esquecido temporariamente para reaparecer sob outra forma na história e nos jogos das verdades, com a sua regularidade própria, ao seu tempo, mas sempre permanecendo o mesmo.

2.1 Do *corpus* analisado

O filme *Orações para Bobby* é baseado no livro de mesmo nome da autora Leroy Aarons, publicado em 1995, cujo enredo baseia-se na história real de Bobby, um adolescente vivido na trama pelo ator Ryan Kellee sua família cristã, tendo como matriarca sua mãe Mary Griffith interpretada pela atriz Sigourney Weaver e se passa na década de 1970 em Walnut Creek, Califórnia, EUA.

A trama nos desvela a história de um adolescente que apresenta dificuldades em lidar com a sua homoafetividade, deparando-se, a todo momento, com o preconceito explícito de sua mãe. Após investir em um namoro sem sucesso Bobby entra em um conflito existencial, questionando-se a respeito da sua condição. Sufocado pela culpa que carrega, Bobby revela ao seu irmão mais velho Edy, interpretado pelo ator Austin Nichols, sua homossexualidade, pedindo-o segredo do que fora dito. Edy por sua vez, na tentativa de ajudar o irmão rompe com o pedido que lhe fora feito contando o segredo para sua mãe. Após a revelação da homossexualidade do jovem à sua família, uma série de questionamentos e cobranças acerca do que o jovem sente emerge do discurso de seus familiares. É a partir daí que entram em cena as várias tentativas para tentar solucionar o “problema” da homossexualidade de Bobby. Mary Griffith, busca de todas as formas a “cura” de seu filho recorrendo e se apoiando em princípios bíblicos. Na tentativa de curar seu filho, Mary mergulha em uma profunda investigação a respeito do universo gay, sempre embasada à luz da Bíblia.

Bobby, por sua vez, é bombardeado por bilhetes afixados em vários lugares de sua casa, todos se remetendo a versículos bíblicos que condenam a sua condição. Silenciado por esses enunciados bíblicos, o jovem tenta de todas as formas ir de encontro a sua natureza, prometendo uma mudança de comportamento. Não obtendo êxito e sentindo-se cada vez mais sufocado, Bobby busca de diferentes maneiras a aceitação de sua mãe, referente à sua condição, o que não acontece. Além do discurso religioso, Mary Griffith apoia-se em compêndios psiquiátricos, que por sua vez, trazem formações discursivas que patologizam a homossexualidade, para buscar mais uma vez a

cura para o seu filho. Movida pelo desejo incessante de curá-lo, Mary o leva a uma renomada psiquiatra, interpretada na trama pela atriz Lee Garlington, onde a mesma atribui o “problema” de Bobby a vários aspectos como o não contato íntimo com uma quantidade mínima de mulheres e ao pouco convívio com o seu pai, Robert Griffith, interpretado pelo ator Henry Czerny, marcado neste momento como referência heterossexual.

Devido a toda essa pressão, Bobby decide passar o período de férias na casa de sua prima Janete, na cidade de Portland (EUA), interpretada pela atriz Rebecca Miller, deparando-se com um ambiente mais tolerante, chegando a relacionar-se com um homem. Após esse tempo longe da família, Bobby retorna a sua casa e busca uma nova aproximação com a mãe que em uma discussão lhe diz: **“Eu não vou ter um filho gay!”** Tais palavras atormentam Bobby durante toda a sua estada na casa de seus pais. Devido a não aceitação de sua mãe, Bobby decide mudar-se de vez para a casa da prima, assumindo definitivamente o seu relacionamento homoafetivo com o namorado David, interpretado pelo ator Scotty Bailey, que por sua vez tem o apoio total da família.

Sentindo-se sozinho, abandonado pela família e lembrando-se das palavras negativas de sua mãe quanto a sua sexualidade, Bobby decide por fim a sua própria vida, suicidando-se aos vinte anos de idade, ao atirar-se de uma ponte, sendo atropelado por um caminhão de dezoito rodas. A notícia é recebida pela sua irmã mais velha, Joy Griffith, interpretada pela atriz Carly Schroeder que, aos prantos, chama pelo pai. Em posse da notícia, Robert Griffith vai à procura de sua esposa para contar-lhe o ocorrido, a qual entra em profundo desespero.

Passados alguns dias, Mary Griffith, tem acesso ao diário de Bobby, no qual o jovem relatava todas as questões que o atormentavam como as acusações proferidas pela sua mãe que o colocava sempre em posição de pecador e doente. Sentindo-se culpada, mas, ainda reticente, Mary começa a repensar seus dogmas religiosos e princípios morais, tentando agora, entender o universo homossexual numa forma de atenuar sua culpa acerca do destino do filho. Ela busca também apoio em uma igreja e em um grupo de pais que

lidam com a homossexualidade de seus filhos de forma natural e saudável, tornando-se a partir daí uma ativista das causas gays.

2.2 Da seleção das Sequências Discursivas às análises

Como já afirmado, na construção do *corpus* foram selecionados alguns recortes discursivos que, posteriormente, geraram sequências discursivas (SDs) do filme supracitado. Tais escolhas se deram, pois, a partir das SDs selecionadas e das concepções teórico-metodológicas aqui adotadas, a saber: condições de produção, interdiscurso, pré-construído, formação ideológica, formação discursiva, política do silêncio/silenciamento, deslizamento de sentido e posição sujeito, a fim de evidenciar o conhecimento deturpado ou, muitas vezes, a falta de conhecimento sobre o assunto, a intolerância, o preconceito, dentre outros aspectos depreendidos do documento, bem como responder aos questionamentos moventes dessa pesquisa.

É nesse contexto que se toma a materialidade discursiva do filme, para, a partir dela, discorrer-se com as análises. Segundo Orlandi (2013) é a partir da escolha desse objeto discursivo que o analista incide uma análise que busca relacionar diferentes formações discursivas, dessa forma, continua a autora:

A análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo (ORLANDI, 2013 p.59).

Em suma, observamos que não há sentidos “literais”, ou seja, tanto os sentidos quanto os sujeitos são constituídos, segundo Orlandi (2013), ‘em processos que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente – estão largamente presentes’.

A partir daí, identificados os recortes discursivos, atribuímos uma legenda que caracteriza a **SD** referente a cada personagem, como ilustramos na tabela abaixo:

Personagens	Legenda atribuída
BOBBY	A
MÃE	B
PAI	C
IRMÃO	D
AVÓ	E
PRIMA	F
IRMÃ	G
PASTOR	H
REVERENDO	I
PSIQUIATRA	J

Tabela 2 – Legenda atribuída para cada personagem. **Fonte:** Elaboração do autor

Assim, a fim de orientar esse gesto analítico, filiamo-nos principalmente às teorizações de Pêcheux (1969, 1975, 1983, 2004, 2010), Courtine (2006, 2009, 2010), Indursky (2011, 2013), Orlandi (1999, 2009, 2012, 2013), Baronas (2011), Mussalim (2011) dentre outros. Atentemos, agora, para o que nos aponta o *corpus* a partir desses gestos de leitura e interpretação.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DO *CORPUS* DISCURSIVO

Nesse item, discorreremos sobre o *corpus* em análise seguindo metodologicamente os procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha Francesa. Para tanto, os recortes discursivos feitos do filme geraram as sequências discursivas que foram analisadas a partir da escolha de algumas concepções da AD.

Diante disso, na escolha das SDs percebeu-se a presença de duas formações discursivas antagônicas que constituem a maneira de posicionamento de cada sujeito frente à homossexualidade. Descrevemos, aqui, como FD dominante, a que tem raiz no discurso religioso, que se caracteriza, por sua vez, como um discurso autoritário e detentor de verdades absolutas, funcionando, assim, como Aparelho Ideológico/Repressivo do Estado. A outra FD identificada é a que tem funcionamento contrário a essa, subversiva, dessa forma, a todo discurso preconceituoso enunciado pela FD religiosa.

Diante desse cenário de contradição e tensão no qual essas FDs estão operando, outros saberes se cruzam, atravessando esses discursos e, de certa forma, influenciando em suas maneiras de significar. Desta forma, optamos por dividir, baseados nas concepções utilizadas da teoria, este capítulo em subitens, a fim de identificar além das FDs antagônicas, outros aspectos moventes desses discursos.

3.1 O Discurso em Orações para Bobby (situando no *CORPUS*)

O filme em questão deixa clara a posição que cada sujeito ocupa social e discursivamente frente à homossexualidade. Na avó de Bobby (interpretada por Madge Levinson), observamos um discurso homofóbico, logo, avesso a qualquer tipo de manifestação sexual que seja divergente da heterossexualidade normativizada em toda sociedade. Ao ver o irmão de Bobby desfilando com uma bolsa, imitando uma mulher, em tom de brincadeira, a avó dele dispara – **SD1**: *E' “[...] Pra mim, os bichas deveriam ser postos em fila, num paredão, e fuzilados.”*, ou seja, as práticas sexuais não

heterossexuais são vistas como desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade ou pecado (JUNQUEIRA, 2009; POCAHY & NARDI, 2007). Por sua vez, a homofobia caracteriza-se como um medo, rejeição e hostilização aos homossexuais ou à homossexualidade, sendo característico desse grupo atos de discriminação, violência física e verbal, medo e desprezo aos homossexuais e assédio moral (BLUMENFELD 2004; JUNQUEIRA, 2009; MARINHO, MARQUES, ALMEIDA, MENEZES & GUERRA, 2004; NASCIMENTO, 2010; PEDROSA, 2006).

Pedrosa (2006) revela que os atos homofóbicos sofrem forte influência dos preceitos religiosos judaico-cristãos, segundo os quais a homoafetividade é compreendida como conduta antinatural, especialmente pela não permissão da produção de outros seres humanos. Ao proferir o discurso presente em E¹, a avó do garoto desperta a diversão de todos que estão à sua volta, dando origem a outros comentários, como o de Mary, mãe de Bobby – **SD2**: B¹ “Ed, pare com isso... **É nojento!**”, asseverando o que afirma Caixeta (2007), o comportamento da pessoa homofóbica é mais eficaz numa situação de grupo, pois terá como consequência reforçadora o apoio e admiração do grupo homofóbico que valoriza o ideal de “virilidade” e “masculinidade”.

Passado esse momento em que toda a família estava reunida, Bobby, inicia uma conversa com o seu irmão enquanto caminham em uma linha férrea – **SD3**: A¹ “[...]Acho que tem alguma coisa errada comigo.”, D¹ “[...]Com certeza tem!”, A² “[...] O que acha que a mamãe faria se descobrisse que um de nós é **psicopata?**”, D² “[...] Como assim, se ??? (Risos)”, A³ “[...]Sabe, ela tá sempre dizendo que a família toda vai ficar junta na vida após a morte. Bom... **E se um de nós for pecador?**”, D³ “[...] Se você pecou com a Michelle, eu prometo que não conto nada.”, A⁴ “[...] Não é isso! Eu só tô pensando algumas coisas...”, D⁴ “[...] Você pensa demais. Isso é perigoso. É por isso que eu evito ao máximo pensar.”, A⁵ “[...] Que bom que a gente conversou!”, D⁵ “[...] Agora sério, tem alguma coisa? Alguma coisa errada?”, A⁶ “[...] Não!”, D⁶ “[...]Olha, porque você sabe, eu sou seu irmão mais velho, eu tenho que cuidar de você.”.

Na SD3, em A¹, observamos um discurso que estabelece um jogo de certo e errado em relação à homossexualidade, ou seja, o enunciado proferido

pelo próprio Bobby o coloca em uma condição em que ser homossexual é ser errado, pecador. Já em A², é evidenciado, através do discurso do próprio personagem, uma FD que associa o homoerotismo à patologia. Tal discurso, foi durante o século XIX, segundo Fry e MacRae (1985, p. 62) adotado pela medicina que, por sua vez, se sentiu no direito de falar a “verdade” sobre a homossexualidade, atribuindo aos sujeitos dotados desse desejo o estatuto de doentes. Logo, percebemos na SD3, em A², que a formação discursiva de Bobby está relacionada diretamente com a FD médica existente no século XIX.

É a partir daí que discorreremos, no próximo item, pelas concepções de formação ideológica e formação discursiva, pois, entendemos que tais concepções são fundamentais para o desenvolvimento das análises que seguem.

3.2 Formações Ideológicas e Discursivas em Cena

Podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas (ORLANDI, 2013). É nesse contexto que assumimos posicionamentos ideológicos a partir do lugar onde falamos e de onde estamos inseridos. No filme, a mãe de Bobby, parte de uma ideologia religiosa (FI), pautada no cristianismo, logo suas Formações Discursivas (FDs) são identificadas como pertencentes a esse grupo. Sobre Formação Discursiva, Orlandi assevera que

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2013, p. 43).

É imersa nessa FI que a mãe de Bobby, ao saber da homossexualidade do filho, trava uma luta agressiva e bastante dolorosa a todos. A não aceitação

da sexualidade do jovem faz com que Mary mergulhe profundamente em um mundo de investigação e informação a respeito da vida e conduta homossexual, buscando conhecimento em diversas áreas para “curá-lo”.

Acerca do que foi dito, observarmos na trama as seguintes passagens proferidas pela mãe de Bobby em conversa com o seu marido e pai do jovem – **SD4**: B² “*Não vou arriscar que a minha família não esteja junta na próxima vida!*”, ou seja, ligada a uma Formação Discursiva (FD) religiosa, apresenta na sua fala que ser homossexual é estar diretamente no inferno, havendo, neste caso, uma relação direta entre ser homossexual (igual a inferno) e ser heterossexual (igual a normalidades, logo, ligado diretamente ao céu), ou seja, o não-dito, isto é, o que está implícito do discurso, só é passível de um possível reconhecimento através do contexto, que, ao ser desvelado, atua como forma de complemento do dito; este, por sua vez, se define na sua relação com a realidade. Assim, entendendo que “o implícito é o não-dito que se define em relação ao dizer” (ORLANDI, 2002, p. 106).

Outra fala bastante presente na obra é a homossexualidade como algo patológico, ou escolha. Discurso esse que foi proliferado por muitos anos pela medicina, como mostra Fry e McRae (1985, p. 64) em sua obra intitulada “O que é Homossexualidade”, através do discurso de Krafft-Ebing, renomado médico austríaco, que viveu em meados do século XIX, quando afirma que o homossexualismo era ou uma patologia congênita ou uma mera perversão quando praticado por pessoas não uranistas².

Na visão médica do século XIX, como assevera Fry e MacRae (op. cit.), tínhamos duas definições para o homoerotismo. Se praticado por um ser que desde a nascença apresentasse traços efeminados, estes estariam categorizados no grupo de patologia congênita, já àqueles que não apresentavam indícios desse comportamento desviante, estavam catalogados no critério de perversão.

²Krafft-Ebing em seu livro *Psicopatía Sexualis*, conclui que os uranistas sofrem de uma mancha psicopática, sofrendo de histeria, neurastenia e epilepsia. Também apresentam, na maioria dos casos, anomalia psíquica, podendo apresentar poderes intelectuais maléficis. **Daí a decorrência da associação da homossexualidade com doença.** (Grifo nosso)

Na SD que se segue, em outro momento de diálogo com Bobby, Mary fala – **SD5**: B³ “Bobby, se confiarmos em Deus, podemos sair dessa, **é curável**, eu sei!”, deixando marcado e materializado em seu discurso o seu posicionamento sobre a homossexualidade, que para ela se apresenta como algo adquirido, como uma doença.

Outra FD apresentada na trama que partilha desta mesma ideologia é a FD Médica, existente em meados dos anos 70 e 80, apresentada no filme através da personagem da psiquiatra, a qual, procurada pela mãe de Bobby na tentativa de curar o filho, profere as seguintes perguntas ao mesmo – **SD6**: J¹ “Ouve vozes?”, J² “Então acha que é homossexual?”, J³ “**Você quer ser homossexual?**”. (Figura 4).



Figura 4 – Bobby em consulta psiquiátrica

Podemos observar no discurso da médica, a partir do modelo dos questionamentos realizados, a sua posição em relação ao homoerotismo, ou seja, evidencia uma FD Médica que encara a homossexualidade como distúrbio mental e escolha. Corroborando com Ferrari (2012) que, afirma que o

que era dito, nessa época, sobre o homossexual (o já-dito) é que a homoafetividade era sinônimo de doença, pecado e/ou crime. Ainda referente ao discurso médico, aqui representado pela psiquiatra, assevera Fry e McRae (1985, p. 61):

Daí em diante, são os médicos que vão reivindicar a sua autoridade de falar a verdade sobre a sexualidade e são eles os agentes da gradual transformação da homossexualidade de "crime", "sem-vergonhice" e "pecado" – FD religiosa (grifo nosso)- para "doença", ao longo dos anos que seguem. O crime merece punição, a doença exige a "cura" e a "correção".

Logo, baseada nesse tipo de conhecimento, Mary, não ver outra saída a não ser tentar de todas as formas trazer seu filho para a normalidade, por ela encarada e entendida como heterossexualidade.

A esse respeito, podemos afirmar que os “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam na ‘linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (PÊCHEUX, 1988, p. 161). É nessa perspectiva que a mãe de Bobby se identifica com discursos, negativos, pré-construídos a respeito da homossexualidade, gerando uma cadeia de discursos preconceituosos. Sobre pré-construído, imputa Possenti:

O “todo complexo” põe à disposição um conjunto x de pré-construídos, mas, para cada sujeito, ou para cada “comunidade” de sujeitos (ou, ainda, para cada FD), só são selecionáveis os pré-construídos aceitáveis para essa FD. Dizendo de outro modo, só estão disponíveis, para cada FD, os pré-construídos cujo sentido é evidente para essa FD. (POSSENTI, 2009, p.156).

Percebemos que ao proferir certos discursos, Mary, faz ressoar, como afirma Indursky (2011), discursos que já pairam nas nossas práticas discursivas, assim, nos remetemos à noção de repetibilidade, trazida inicialmente por Pêcheux e Fuchs (1975). Tal noção faz com que o sujeito ao tomar a palavra tenha a ilusão que é fonte do dizer, funcionando sob o efeito do esquecimento, inconscientemente, ignora que os discursos pré-existem e que foram formulados em outro lugar e por outros sujeitos, como podemos evidenciar na **SD7:B⁴** “[...] Onde esteve, Bobby? Não estava com

homossexuais, estava? Isso não é você. **É a tentação filho**, tem que orar muito **se quiser melhorar. Ore!**"; B⁵ "[...] **Não posso apagar o que está na Bíblia, filho. Até os animais sabem com quem fazer...**"; B⁶ "[...] **Por que continua escolhendo isso?**"; B⁶ "[...] **Temos que confiar que Deus irá curá-lo e que satã³ vai tentar desencorajar você. Você confia em Deus?**". Mais uma vez, a mãe de Bobby, deixa evidenciado em seu discurso, o posicionamento que tem acerca da orientação sexual do filho. Colada ao discurso religioso, ela é incapaz de enxergar as questões que tangenciam o seu posicionamento frente ao de Bobby. (Figura 5).



Figura 5 – Bobby sendo questionado pela mãe ao chegar tarde em casa

Em B⁴, a mãe do jovem o indaga ao chegar a casa, proferindo mais uma vez um discurso que associa a homossexualidade ao pecado, fazendo uso da palavra ‘tentação’, que ligada ao discurso bíblico nos remete diretamente à transgressão e, mais adiante, traz à tona, mais uma vez, em seu discurso, a palavra ‘melhorar’, que associa o homoerotismo a questões patológicas, ou seja, somos remetidos, diretamente, ao conceito de memória, trazido por

³ Satã é um termo utilizado por Mary Griffitt para designar a figura do diabo, cuja crença cristã remete ao inimigo de Deus, o anjo caído.

Courtine (1981) e posteriormente por Indursky (2011). A esse respeito, assevera o autor:

Toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque possui em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega. (COURTINE 1981, p. 52)

Esses enunciados proferidos pela mãe de Bobby decorrem, exatamente, pela identificação que a mesma tem com o discurso religioso - (FI), ou seja, Mary funciona, nos jogos de sentidos aqui estabelecidos, como multiplicadora do/de discursos ligados ideologicamente ao cristianismo. Desta forma, suas palavras adquirem outro sentido, estando estas relacionadas à FI cristã, como afirma Gregolin (2011):

As FDs são consideradas como componentes de FIs, relacionadas às suas condições de produção no interior de uma realidade social marcada pela ideologia dominante. O sentido é, portanto, relacionado a um exterior ideológico demarcado por FIs. (GREGOLIN 2011, p. 162 *apud* BARONAS 2011).

Essa incessante insistência de Mary em “curar” e “salvar” o filho perpassa por toda a trama e, ao saber sobre a homossexualidade do mesmo, ela dispara – **SD8: B⁷ “[...] É um pecado terrível, a Bíblia diz que é abominação. Em LEVÍTICO, um homem deita com outro homem, os dois podem morrer. Olha, eu não vou arriscar que a minha família não esteja junta na próxima vida”**. No plano linguístico, percebemos que os enunciados proferidos por Mary são, todos, afirmativos, ou seja, não há possibilidade de aceitação de outras possibilidades de dizer, uma vez que seu discurso está colado à Ideologia dominante da Igreja. Os enunciados ditos são validados, sempre, por expressões cristalizadas através dos dogmas religiosos. Em B⁷, chamamos a atenção para as seguintes expressões: **“Pecado terrível”, “a Bíblia diz que é abominação”, “Em LEVÍTICO – texto Bíblico”**. Nessas sequências discursivas, observamos que a mãe de Bobby legitima o seu discurso, ornada pelo que está escrito na Bíblia, sendo, desta forma, uma possibilidade de expor ao filho que o fato dele não seguir os preceitos cristãos, estará diretamente em pecado, estabelecendo, segundo suas palavras, uma

relação direta com o inferno. Ainda sobre Formação Discursiva, corrobora Pêcheux & Fuchs:

Se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas de que acabamos de falar “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura”, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico... (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 166-7).

Dessa forma, por ser cristã, Mary está ligada ideologicamente ao discurso dominante da igreja, não existindo possibilidade de estar associada a uma FD que encare a homossexualidade como algo normal.

Passamos, no item seguinte, a discorrer sobre algumas noções acerca da política do silêncio/silenciamento.

3.3 A política do silêncio/Silenciamento em Cena

Neste item, propomos situar o silêncio na sua relação com o sentido/significar para a AD. É partindo desse efeito de sentido que buscamos, no silêncio, o arcabouço necessário para as análises que realizaremos, buscando entender como esse silêncio significa no nosso *corpus* de estudo.

Bobby, sofrendo por ter como problema o seu desejo sexual por pessoas do mesmo sexo, imagina-se caminhando em uma floresta e reflete sobre sua condição. Aflito, o jovem segue se questionando – **SD9**: *A⁷ “[...] Não dizer a verdade? Às vezes me sinto como se estivesse na beira de um precipício, olhando pra baixo, as ondas quebrando, sem lugar pra ir a não ser pra baixo. Eu costumava sonhar que estava voando e eu era tão livre, mas agora no meu voo eu tenho medo... Têm as linhas telefônicas e os fios de alta tensão. Como*

vai ser doloroso se eu esbarrar em um deles! Será que eu vou ser livre de novo?”.(Figura 6).



Figura 6 – Bobby em conflito sobre sua condição de homossexual

Na SD9, observamos um jovem que se questiona e se culpa à medida que é silenciado pela sua própria família, principalmente pela sua mãe, a qual não admite ter um filho gay.

Para Pizzolante (2008, p. 74)

O homem desde sempre encontra-se lançado num mundo, no qual convive com os outros. A convivência com o outro coloca o homem numa posição de afastamento de si, ou seja, cria-se espaço para uma projeção exterior, um intervalo onde não se é em sentido próprio, mas que se permite a abertura da relação com o outro, como se o outro lhe roubasse o centro. Este domínio da opinião pública se dá de forma surda, sem que se dê conta. É o domínio do impessoal, do tido como correto, do apenas, do apenas cumprimento dos deveres, da dedicação banal ao cotidiano. O que publicamente se espera, mas que não tem rosto, não se define como sujeito, é o amorfo, o impessoal. O homem apenas repete o que se espera dele, repete as mesmas opiniões, e quer ver apenas o já visto, que não representa nenhum risco. O novo só é aceito como novidade, sem ameaça ou questionamento, é a opinião

pública que dita a regra, o que vale é a opinião geral, a conveniência, a média; impera a mediocridade. Esse é o modo de ser da cotidianidade.

Depois de ter a homossexualidade revelada pelo próprio irmão, Bobby começa a sofrer a pressão de todos os seus familiares, os quais se mostram completamente avessos ao assunto, dando início a uma série de investidas para “curá-lo”, manifestando, mais uma vez, a não aceitação de sua condição, pois, assevera Orlandi

O silêncio não é a ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio(s).” (2013, p. 102)

Uma das tentativas de “cura” exercida pela mãe do adolescente é espalhar textos bíblicos por toda a casa e realizar orações próximas ao mesmo com o intuito de incutir em sua mente que tal desejo é pecado e que seguindo a Deus e o aceitando como salvador, terá o demônio expulso do seu corpo. Sobre a política do silêncio, isto é silenciamento, Orlandi (2013) diz “Aí entra toda a questão do “tomar” a palavra, “tirar” a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc.” e é isso que acontece com Bobby, ele é silenciado, calado e obrigado a dizer o que a outros agrada, mesmo sendo contra a sua natureza.

Em outro recorte extraído da trama, a mãe dele coloca um bilhete no espelho do banheiro que diz – **SD10: “Eu sou puro de coração, eu sou de Deus!”**, fazendo calar, mais uma vez, a voz do filho, que tem o seu desejo outra vez reprimido e, fazendo falar, através do bilhete, a voz de Deus, o crucificando e ainda colocando mais culpa a respeito do que ele sente. (Figura 7).



Figura 7 – Bobby encontra bilhete frente ao espelho

Essa questão nos reporta, mais uma vez, ao silenciamento, que é um tema central da Análise de Discurso tratado sob duas formas: a) o silêncio constitutivo; b) o silêncio local. Sendo, o segundo, equivalente à interdição do dizer (como a censura, por exemplo), nos ateremos sobre o silêncio constitutivo como forma de relacionar o dito e o não-dito nessa SD. Orlandi (1992) diz que

A relação dito/não dito pode ser contextualizada sócio-historicamente, em particular em relação ao que chamamos “poder-dizer” (...). a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada. (...) É o não dito necessariamente excluído. (...) O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer. (...) o silêncio constitutivo, ou seja, o mecanismo que põe em funcionamento o conjunto do que é preciso não dizer para poder dizer. (ORLANDI, 1992, p. 73-74).

Nesse sentido, a mãe de Bobby, apoiada no/pelo discurso religioso, aqui tratado como o já-dito, silencia a voz do jovem (não dito) estabelecendo o que ele pode ou não dizer.

Tais discursos, para Bobby, adquirem sentidos cruéis, pois a sua Formação Ideológica e Discursiva se contra-identifica com a da sua mãe, e é sobre o sentido que Gregolin (2011) corrobora afirmando que “o sentido é, portanto, relacionado a um exterior ideológico demarcados por Fls. Observamos, também, através de operações sintáticas semânticas no eixo do enunciado, nessa sequência, a negação da homossexualidade do filho, identificada aqui, por meio da heterogeneidade discursiva e do funcionamento discursivo de negação.

Nesse sentido Indursky (1997) assevera que esse princípio de negação estabelece os limites fronteiros estabelecidos entre os discursos contrários ideologicamente, ou seja, que se instauram pelo viés de FDs opostas produzindo diferentes efeitos de sentido por determinação da oposição entre as FDs. Nesse contexto, percebemos a presença de dois discursos que, da ótica da constituição e do funcionamento, se opõem, porque são filiados a duas formações ideológicas diferentes. A esse respeito fazemos emergir o conceito de coerção⁴, o qual se refere ao uso de contingências de punição, podendo esta ser de ordem positiva e negativa e de reforçamento negativo que visam controlar o comportamento das pessoas no sentido de tolher ou evitar uma resposta possivelmente inadequada. A punição positiva é a apresentação de um estímulo aversivo que tem força para reduzir a probabilidade futura de ocorrência de uma resposta. No filme analisado, essa conduta coercitiva é evidenciada, há todo momento, através de posturas invasivas, materializadas pelos discursos, de sua mãe, religioso e médico, os quais sempre encaram a condição de Bobby como algo avesso à “normalidade” imposta pela sociedade.

Skinner (1953/2003) coloca-se contra o uso da punição e do controle aversivo, afirmando produzem subprodutos indesejáveis, como o medo,

⁴A coerção é um termo originalmente utilizado por Durkheim (1895/2001) que aponta que a sociedade utiliza a coerção (constrangimento) para induzir os indivíduos, por meio da educação e costumes, a um jeito de pensar e agir. Nesse trabalho, porém, o termo coerção será utilizado considerando as análises de Skinner (1953/2003) e Sidman (1989/1995).

ansiedade, culpa, vergonha, prejuízo nos repertórios sociais, dificuldade na resolução de problemas interpessoais e na manutenção de relacionamentos positivos. Todos os elementos comportamentais supracitados, são evidenciados no filme quando Bobby, em conversa com o seu irmão, fala sobre o que sente, como já observamos na **SD3**: A¹ “[...]Acho que tem alguma coisa errada comigo.”, D¹ “[...]Com certeza tem!”, A² “[...] O que acha que a mamãe faria se descobrisse que um de nós é **psicopata**?”, D² “[...] Como assim, se ??? (Risos)”, A³ “[...] Sabe, ela tá sempre dizendo que a família toda vai ficar junta na vida após a morte. Bom... **E se um de nós for pecador**?”, D³ “[...] Se você pecou com a Michelle, eu prometo que não conto nada.”, A⁴ “[...] Não é isso! Eu só tô pensando algumas coisas...”, D⁴ “[...] Você pensa demais. Isso é perigoso. É por isso que eu evito ao máximo pensar.”. É notória a aflição de Bobby ao falar com o irmão, pois o seu dizer está atravessado por interdições que determinam o que pode ou não ser dito em uma dada circunstância sócio-histórica – “uma interioridade’ inteiramente determinada como tal’ do exterior” (PÊCHEUX, 1997, p. 167). (Figura 8)



Figura 8 – Bobby e seu irmão, momentos antes de confessar sua homossexualidade.

No contexto familiar em que Bobby está inserido, não se tem espaço para ser diferente daquilo que sua família, principalmente sua mãe, tem como

padrão de bom comportamento e boa conduta, logo, a falta desse espaço de aceitação, silencia o jovem fazendo significar, através do seu silêncio, sua tristeza, dor e culpa por ser diferente.

Orlandi (1992) observa que a noção de silêncio não pode ser confundida com o implícito. Ao contrário do implícito (não-dito), que significa por referência ao que foi dito, o silêncio não precisa ser referido ao dizer. O silêncio significa, não fala. Nesse sentido, é reafirmado pela autora que a matéria significativa do silêncio é diferente daquela da linguagem verbal. E, ao promover, assim, o descentramento da linguagem verbal, abre à discussão as diferentes formas do silêncio no processo de significação. (ORLANDI, 1992 e 1995).

3.4 Deslizamento de Sentido, Posição-sujeito e Memória discursiva em cena

Os discursos sobre a homossexualidade têm sido cada vez mais usados nos diferentes segmentos da sociedade. Reproduz-se, portanto, um imaginário ainda ligado aos pré-construídos de meados das décadas de 70 e 80, onde a homossexualidade estava diretamente ligada à doença e a promiscuidade. É comum observar, nos mais diferentes discursos, a posição-sujeito ocupada pelo homossexual sendo criticada e posta à análise de todos. É a sociedade quem julga, à luz de alguma crença, se o homossexual é pecador, é culpado, é perverso, é doente etc. Todos esses discursos que nos remetem ao homossexual como corpos abjetos⁵ são frutos de repetição de discursos, outrora proferidos. É nesse contexto que refletiremos acerca de *memória discursiva* que, segundo INDURSKY (2011, p. 71)

Se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão construir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso como revestida da ordem do não-sabido. São os discursos que em circulação, urgidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados.

⁵ Termo empregado por Judith Butler para denominar seres que tem a “sua própria humanidade questionada” (Butler, 2011 p. 161). **Entendemos, assim, que o homossexual, nos discursos heteronormativizados, são considerados como corpos abjetos.** (Grifo nosso).

É nessa perspectiva que a noção de repetibilidade vem à tona. À medida que o sujeito toma a palavra e produz o “seu” discurso sob a falsa impressão do ineditismo, desconhece que os saberes pré-existem, e age sob o efeito do esquecimento de que os discursos pré-existem (PÊCHEUX E FUCHS, 1975[1990, p. 172-176] apud INDURSKY 2011, p. 70) e que foram formulados, por sua vez, em outros lugares e por outros sujeitos, e que ele os retoma, sem disso ter consciência.

Não diferente desse processo, no *corpus* analisado, percebemos Formações Discursivas clivadas por ideologias dominantes que regulam o que deve ou não ser dito no interior de uma dada FD. Desta forma, temos várias manifestações discursivas que são reguladas pelos aparelhos ideológicos.

Partindo do conceito de *memória* de Courtine (1981) e de Indursky (2011), discorreremos sobre as nossas análises, a fim de reconhecer como os deslizamentos de sentido se evidenciam no documento analisado a partir de algumas sequências escolhidas.

Momentos antes de cometer suicídio, Bobby é remetido a um *Flashback* de todos os momentos de preconceito que viveu tanto por parte da sociedade quanto da sua própria família. Remetido a esse momento, o jovem não mais enxerga possibilidade na vida e atira-se de uma ponte. (Figura 9)



Figura 9 – Bobby cometendo suicídio ao atirar-se da ponte.

Ao saber do trágico acidente, Mary se desespera e busca explicações. Ainda ligada a uma Formação Ideológica Cristã, Mary busca na religião apoio e força para entender o que levou seu filho à morte. Durante o velório do jovem, o Pastor, ao pregar algumas palavras afirma - **SD11**: H¹ *“Bobby só tinha vinte anos, ele nunca saberá o que ele poderia ter sido ou o que ele teria realizado. E Bobby era um bom rapaz... Mas ele estava perdido. Caiu em tentação. Ele fugiu. Depois na desilusão, ele escolheu dar fim à vida. Agora nós temos que condenar o pecado. Não o pecador! Foi a esse pecado que Bobby sucumbiu. Isso lhe trouxe infelicidade e foi o que o levou a tirar a própria vida. Como a bondade gera bondade. O pecado gera pecado!”*.

Na SD11, percebemos, claramente, a posição do Pastor frente à homossexualidade, sendo, dessa mesma FD que a mãe do jovem comunga. As palavras de condenação proferidas, mesmo depois do jovem morto, mostram a não aceitação à condição do mesmo, sendo este, condenado e julgado por todos que “revestidos por palavras de autoridade” se sentem no direito de fazê-lo. Evidenciamos, aqui, as expressões em destaque na SD, que mostram o atravessamento do discurso religioso na FD do Pastor ao proferir que Bobby, por ser Gay, **“estava perdido”** e **“caiu em tentação”**. Tais palavras, ligadas ao contexto religioso em questão, carregam em si o peso da condenação, do pecado e do erro. E é pelo *regime de repetibilidade*, como assevera Indursky (2011), que esses discursos ganham regularização, passando a fazer parte de uma *memória coletiva*. (Figura 10)



Figura 10 – Pastor em cerimônia fúnebre salienta o “pecado” de Bobby

Ainda referente à SD11, percebemos, mais uma vez, que a posição-sujeito ocupada pelo Pastor não permite admitir outro sentido a não ser o que atrela, como causa da morte de Bobby, o pecado da homossexualidade. No segmento **“Isso lhe trouxe infelicidade e foi o que o levou a tirar a própria vida. Como a bondade gera bondade. O pecado gera pecado!”**, fica claro que o religioso, em seu discurso, justifica o suicídio de Bobby atrelando-o à suposta infelicidade do jovem, afirmando que o pecado da homossexualidade, levou o garoto a cometer o pecado do suicídio.

Orlandi (2009, p. 15) nos mostra que há dois tipos de processos que se articulam na produção de sentidos: a paráfrase e a polissemia. A primeira é caracterizada pela repetição constante do já dito, a segunda, por conseguinte, é caracterizada pela manifestação das variedades de sentidos que a linguagem possibilita. Mais adiante a autora define a polissemia como “o processo que representa a tensão constante estabelecida pela relação homem/mundo”, ou seja, é por meio da polissemia que os efeitos de sentidos são questionados e a estabilidade dos discursos podem ser rompidas, abrindo-se, com isso, novas

possibilidades do dizer. Já no processo parafrástico, como assevera Fernandes (2015 apud LEANDRO FERREIRA 2015 p. 87 et al.), “a leitura mantém a ressonância discursiva em torno de uma formação discursiva dominante”. Com isso afirmamos que o discurso do Pastor, se dá através do processo de parafraseagem, onde o já dito sobre a homossexualidade na FD dominante - cristã – ressoa sobre o “novo” dizer do religioso.

Depois de alguns dias e ainda em busca de respostas para o que aconteceu com seu filho, Mary recebe a visita de dois Pastores em sua casa. Em conversa, os representantes cristãos buscam confortar a mãe do garoto que lhes fala - **SD12:B⁸** “*Deve ter outros Bobbys lá fora. **Outros jovens gays que podem estar pensando em tirar suas vidas! A igreja tem acesso a eles?***”. Recebendo uma resposta evasiva dos Pastores, Mary continua – **SD13: B⁹** “*Vocês não entendem...Eu não sei o que fazer! Preciso estar em paz com isso e não consigo. **O Senhor diz que o impuro seja lançado no fogo do inferno. Bobby pecou, mas ele era puro de coração. Ele nunca fez mal a ninguém. Isso é o bastante, não é?***”. Ainda tomada pelo sentimento de culpa, Mary, incessantemente, tenta buscar respostas que indiquem a remissão do seu filho. Percebemos, intrínseco ao seu discurso, a necessidade de validação da religião em relação à salvação de Bobby, que para ela, não deve ser lançado no fogo do inferno porque, mesmo que em pecado, era puro de coração.

Não obtendo respostas através dos Pastores de sua Igreja, Mary procura o Reverendo da Comunidade da Igreja Metropolitana, a qual aceita os homossexuais, e o interpela da seguinte forma – **SD13: B¹⁰** “*Reverendo, Mary Griffitt... **A Bíblia diz que a homossexualidade é um pecado punido com a morte. O senhor acredita nisso? Meu filho era gay. Ele se matou! Eu quero respostas... LEVÍTICO 18:22 diz que se um homem deita com outro homem isso é abominação.***” Assustado com a abordagem, o Reverendo diz que em LEVÍTICO também há passagens que dizem que se as crianças são desobedientes elas devem morrer e ninguém interpreta isso literalmente, levando Mary a questionar algumas passagens bíblicas quando o pergunta se isso também pode ser tomado referente aos homossexuais (Figura 11).



Figura 11 – Mary, questionando o Reverendo sobre seu posicionamento frente à homossexualidade.

Observamos no discurso do Reverendo, embora interpelado por uma FD cristã, uma ressignificação dos sentidos pré-construídos acerca da homossexualidade. Tal recuo, como aponta Indursky (2011, p. 80), possibilita a instauração de novos sentidos. Por sua vez, no discurso de Mary, percebemos que é através da repetição e da busca por uma resposta frente à morte do filho, que ela contra-identifica-se com os sentidos presentes na FD cristã a qual era filiada e desliza para uma FD de aceitação às questões homossexuais, pois, como assevera Indursky (2011)

[...] A repetição também pode levar a um deslizamento, a uma ressignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos. Isto se dá porque o sujeito do discurso pode contra-identificar-se com algum sentido regularizado ou até mesmo desidentificar-se de algum saber e identificar-se com outro. (INDURSKY, 2011, p. 71).

Já filiada a uma FD que desassocia o sujeito homossexual do pecado, da perversão, da doença etc., Mary procura o Reverendo, depois de participar

de uma reunião de pais e mães de filhos homossexuais e confessa – **SD14:** B¹¹ “*Eu estava sentada lá, ouvindo todas aquelas histórias, sobre como eles (os pais) sempre souberam que os filhos eram diferentes. E depois eu tive um sonho... **Bobby era bebê, meu filho sempre foi diferente. A diferença dele começou na concepção, eu sabia, eu sentia... Eu sei agora porque Deus não curou o Bobby. Ele não o curou porque não havia nada de errado com ele! Eu fiz isso! Eu matei o meu filho! Como Deus pode me perdoar? Como Bobby pode me perdoar? Eu sinto tanto! Eu sinto tanto!***”. Observamos nessa SD que Mary, desidentificada totalmente com a sua FD cristã, passa a enxergar que Bobby não encolheu ser gay, tampouco estava doente em o ser.

Desse modo, ao admitir que Bobby sempre foi diferente desde a concepção, inscreve o filho em outra Posição-sujeito. Bobby sai da Posição-sujeito pecador e passa à Posição-sujeito vítima. Vítima essa do próprio discurso da mãe que, tolhida pela celeuma que inscreve a FD cristã, silenciou o jovem, impossibilitando-o de ter a sua sexualidade vivida.

Vale ressaltar, além disso, que através do deslizamento de sentido, Mary também se inscreve em outra Posição-sujeito. A mesma se vê como culpada pela morte do filho e atribui à sua falta de conhecimento e ignorância tal fatalidade. Em B¹¹, nos segmentos “***Ele não o curou porque não havia nada de errado com ele! Eu fiz isso! Eu matei o meu filho! Como Deus pode me perdoar? Como Bobby pode me perdoar? Eu sinto tanto! Eu sinto tanto!***”, observamos claramente essa culpa carregada por ela através da falta de discernimento entre o que era real - homossexualidade de Bobby - e o que era fruto da criação e ignorância de uma FD cristã – preconceito - ocasionando, pela falta de diálogo com o filho, a sua morte.

Em visita ao túmulo de Bobby, Mary pensa enquanto coloca flores para ele – **SD15:** B¹² “*Meu Deus dê-nos alguma coisa em que possamos viver e passar para os outros que nunca será o mesmo viver depois da morte de um ente querido. **Eu não decidi a cor dos meus olhos castanhos. E agora eu percebo que o Bobby não decidiu ser gay... Se o Senhor diz na sua palavra que é ruim e pecaminoso nascer sem braço e uma criança nascer***

sem braços? O que essa criança vai pensar?!”. Torna-se cada vez mais evidente a desidentificação de Mary com a FD cristã e a sua identificação com outra FD. A mãe de Bobby, que anteriormente, assujeitada pela FD dominante, utilizava os enunciados bíblicos para asseverar a “verdade” que proferia, agora faz uso desses mesmos enunciados para justificar a homossexualidade de Bobby como ato não pecaminoso, trazendo à tona os efeitos polissêmicos do discurso, que segundo Brandão (2013, p. 48), “rompe essas fronteiras, ‘embaralhando’ os limites entre diferentes formações discursivas, instalando a pluralidade, a multiplicidade de sentidos”.

Por fim, a mãe de Bobby é convidada para participar de uma reunião cujo objetivo foi à instituição de um dia do Orgulho gay, depois de oito meses da morte do filho, em que ela defende, em público, a comunidade gay pela primeira vez, dizendo: **SD16 – B¹³ “Homossexualidade é um pecado! Os homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno! E se eles quiserem mudar, eles podem ser curados do jeito pecaminoso deles. Se eles virassem da tentação, eles poderiam ser normais de novo... Só se eles tentassem e tentassem muito, mas não funciona! São todas as coisas que eu disse para o meu filho Bobby quando eu descobri que ele era gay. Quando ele me disse que era homossexual meu mundo caiu. Eu fiz tudo que eu pude para curá-lo da doença dele. Oito meses atrás, meu filho pulou de uma ponte e se matou... Eu me arrependi muito da minha falta de conhecimento sobre os gays e o lesbianismo. Eu vejo que tudo que eu aprendi e disse era fanatismo e difamação desumana. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse ouvido meu filho quando ele abriu o coração pra mim, eu não estaria aqui hoje, triste, com vocês, cheia de arrependimento. Eu acredito que Deus ficou satisfeito com o espírito gentil e amoroso do Bobby. Aos olhos de Deus a bondade e o amor é tudo que conta...Eu não sabia que cada vez que ecoa a condenação eterna para o público gay, cada vez que eu me referia ao Bobby como doente e pervertido e um perigo para nossas crianças... A autoestima dele, o senso de valor dele estava sendo destruído. E, finalmente, o espírito dele ficou irreparável! Não que Deus quisesse que Bobby subisse pelo outro lado da estrada e pulasse no meio de um caminho de um caminhão de dezoito rodas que o matou na hora. A morte**

do Bobby foi o resultado da ignorância dos pais dele e o medo do mundo gay! Ele queria ser escritor... As esperanças e os sonhos dele não deveriam ter sido tirados. Mas foram... Existem crianças como o Bobby sentadas em suas congregações, desconhecidas pra vocês. Elas vão ouvir quando vocês ecoam amém... E isso em breve irá silenciar as orações. As orações deles, para Deus, pedindo compreensão e aceitação e para seu amor... Mas o seu ódio e o medo e a ignorância do mundo gay silenciará essas orações. Então, antes de ecoarem amém em sua casa e no local de adoração, pensem... Pensem e lembrem, uma criança está ouvindo!". (Figura 12)



Figura 12 – Mary em discurso a favor da homossexualidade.

Mais uma vez, percebemos que o discurso proferido por Mary Griffith, enquanto sujeito-enunciador, agora associada a uma FD LGBT ⁶ que compreende a homossexualidade com outro olhar, se desloca/desliza daquele que anteriormente era pregado como “verdade” pela/para a mesma. Em seu “novo” discurso, ressoa, significativamente, a contra-identificação sinalizada através dos enunciados que situam Bobby em outra Posição-sujeito, como

⁶LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, que são orientações sexuais, onde as pessoas tem uma escolha diferente do sexo designado no nascimento. LGBT é um movimento que luta pelos direitos dos seus membros, e principalmente contra a homofobia.

afirmamos anteriormente. As construções “***Eu me arrependi muito da minha falta de conhecimento sobre os gays e o lesbianismo. Eu vejo que tudo que eu aprendi e disse era fanatismo e difamação desumana.***” e “***A morte do Bobby foi o resultado da ignorância dos pais dele e o medo do mundo gay!***”, além de evidenciarem que houve deslocamento de sentido, ruptura, desidentificação por parte do sujeito do discurso em relação ao discurso cristão, corroboram com a nova FD a qual a mãe de Bobby está filiada, que se pauta no respeito às minorias e está atravessada pelos discursos de aceitação à homossexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a AD como teoria e procedimento analítico não é tarefa fácil. O sentimento de insatisfação e de um querer dizer sempre mais, mesmo sabendo que não é possível dizer tudo, inquieta o analista. Estabelecer uma ideia de finalidade para esse trabalho nos traz à tona essa sensação de incompletude.

De qualquer forma, faz-se necessário que tenhamos a ilusão de termos chegado à “conclusão” neste último item. Logo, abordamos nesta pesquisa o que entendemos ser crucial para o trabalho com AD e a constituição do seu aparato teórico-metodológico enquanto disciplina de entremeios, ressaltando, através do *corpus* e das análises aqui realizadas, reflexões que versam em torno dos discursos sobre a homossexualidade, desde as suas condições de produção sócio-históricas, dos efeitos de sentido que evidenciam a maneira desses discursos significarem através da história, da ideologia que o atravessa por meio das FD se do silêncio até a sua possível ressignificação.

Dessa forma, não objetivamos estabelecer uma via de interpretação unívoca para as análises, pois entendemos que outras reflexões podem ser geradas a partir da mesma materialidade discursiva, tendo em vista que os sentidos não se fecham, tampouco se encerram.

Assim, os nossos gestos e movimentos de análise nos revelam que os discursos sobre a homossexualidade estão cristalizados na sociedade desde muito cedo e que são as FDs dominantes que fazem com que discursos homofóbicos e pejorativos acerca do homossexual se disseminem, gerando, no *corpus* analisado, o silenciamento do sujeito homossexual.

A análise do *corpus* também nos demonstra que é através da memória discursiva que esses discursos adquirem sentido à medida que é a partir dela que essas relações de força são estabelecidas no interior dos discursos, desvelando práticas de dominação e de silenciamento.

É, pois, através desse movimento discursivo-ideológico que o que é afirmado sobre a homossexualidade adquire o estatuto de Aparelho-Ideológico/Repressivo de Estado, que, em seu caráter autoritário, determina

que a homoafetividade, seja perpetuada no discurso religioso cristão, como uma prática pecaminosa e degradante.

Por outro lado, FDs antagônicas a essas que inscrevem a homossexualidade, por meio da repetibilidade, no bojo dos discursos negativos, vêm à tona através dos deslizamentos de sentido que, por sua vez, ressignificam o “já-dito” sobre a homoafetividade fazendo com que o sujeito do/no discurso se desidentifique com FDs preconceituosas, e filie-se a outra FD, evidenciando o caráter movente dos sentidos.

Diante do percurso que tecemos neste trabalho, chegamos a **um** “fim”. No entanto, considerando que toda pesquisa não se esgota em si, faz-se necessário novos estudos acerca do *corpus* analisado, de forma que outros gestos interpretativos sejam gerados e outros olhares sejam lançados a partir de concepções da AD aqui não contempladas, visando a ampla discussão desse tema que tanto inquieta e desperta interesse de investigação nos estudos das ciências sociais e da linguagem.

Assim, através desse jogo ideológico, o discurso sobre a homossexualidade se funda e se fundamenta em preceitos religiosos cristãos, que se produzem e se disseminam como verdades absolutas irrevogáveis e, devido a essas condições de produção, atinge os sujeitos de diferentes modos, como observamos em Bobby e sua mãe.

Outro ponto crucial na nossa discussão é o impacto desses discursos, religioso e familiar tradicional, na descoberta da homossexualidade. A força desses discursos é determinante para o silenciamento de Bobby, como podemos observar, a não aceitação da sua condição por parte da sua família e os discursos sempre pormenorizados acerca da sua condição levaram-no ao suicídio.

É de total relevância, também, na nossa discussão, o papel da memória discursiva e das formações discursivas presentes na trama. Através dos nossos gestos interpretativos, observamos que a memória discursiva na qual se funda os discursos preconceituosos está associada a discursos disseminados há décadas atrás. Nesse contexto, o discurso médico e o cristão

exercem um papel de associação direta do homossexual ao pecado e à promiscuidade, logo, as formações discursivas dos sujeitos que se identificam com esses discursos são atravessadas por essas ideologias.

Em Mary, observamos que os discursos podem ser resignificados, através do processo de deslizamento de sentido, à medida que ela não se identifica mais com determinadas formações ideológicas e discursivas e acaba se filiando a outras. Isso acontece na trama, quando ela perde seu filho e busca o entendimento acerca do universo “gay”, se desidentificando da FD religiosa a qual era filiada anteriormente e, finalmente, se inscrevendo, a partir de agora, em outra FD, aquela em que o sujeito homossexual pode viver, sem culpa, a sua posição-sujeito.

Em Bobby, percebemos que o silêncio significa. Analisamos, também, através dos nossos gestos interpretativos, que, mesmo o jovem saindo de casa e passando um período fora da residência dos pais, tendo a oportunidade de viver a sua sexualidade “livremente”, o peso do dizer proferido continuamente pela sua mãe, respaldado na/pela religião, não permite com que o jovem se desidentifique da formação discursiva a qual pertence, passando o mesmo, apenas, pelo processo de contra-identificação(que gera questionamentos, mas que o leva a se manter na mesma FD).A permanência na FD do “pecado” (que traz a formação ideológica de que ser gay é ocupar uma posição contrária ao que Deus marcou como constituição familiar e, que, neste caso, sair da FD tem o efeito de se desviar da lei de Deus e da família e, portanto, não ir para o céu ao morrer),fica ainda mais nítido quando o jovem comete suicídio, tendo como motivo para a prática desse ato sua sexualidade, ou seja, Bobby, até o momento da sua morte, ocupa a posição de sujeito silenciado.

Assim, de certa forma, essa pesquisa busca trazer à tona algumas reflexões acerca da homossexualidade, elencando contribuições que vão além do campo teórico aqui utilizado. Acreditamos que o engajamento social é inerente a essa pesquisa, tendo em vista que a mesma aborda a homossexualidade a partir de diferentes óticas, contribuindo para a equidade desses sujeitos frente à sociedade.

Finalmente, as questões aqui discutidas foram tomadas por acreditarmos na relevância desse tipo de discussão no cerne da AD, tendo em vista que a homossexualidade carece que diferentes olhares sejam lançados acerca dessa questão, para, assim como essa pesquisa, outras contribuições substanciais sejam fornecidas.

Diante de tudo que refletimos nesta pesquisa, chegamos, de fato, ao momento de possibilitar, que através das leituras que dela sejam feitas, outras vozes sejam enunciadas e outros gestos interpretativos surjam, contribuindo ainda mais para o desenvolvimento e disseminação dessa discussão.

Ao mesmo tempo em que acreditamos ter contribuído para o estudo da homossexualidade a partir da ótica discursiva, enfatizamos que a teoria da AD opera com o sujeito do inconsciente, ideológico e, por isso mesmo, incompleto e desejante. Assim, questões e, não apenas respostas, “fecham” este trabalho, na medida em que, ao respondermos as iniciais, trazemos outras, para outras pesquisas, em outros momentos. A religião é uma âncora para os sujeitos homossexuais que, assim como Bobby, têm uma estrutura familiar rigidamente marcada pelo discurso religioso? Por que há tantos sujeitos homossexuais que estão fortemente inseridos em igrejas tradicionais, que os fazem ter culpa e pregam a “cura” dessa posição-sujeito? Em que um Estado (de fato) laico auxiliaria o respeito ao movimento gay?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. **A Bíblia Sagrada** (revista e atualizada no Brasil) 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Trad. Brasil. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BUTLER, Judith. "**Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 152-172.
- BLUMENFELD, W. J. **Conceitos de homofobia e heterossexismo**. Disponível em <http://homofobia.com.sapo.pt/definicoes.html> em 09 de setembro de 2015.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. *Analisando o Discurso*. Disponível em http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf, 18/11/2015.
- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do discurso**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2a.ed.2013.
- CAIXETA, V. C. **O preconceito em relação ao homossexual e o desenvolvimento de um repertório socialmente hábil**. 2007. Em E. N. Cillo & M. R. M. Santos 108 (Orgs.), *Ciência do Comportamento: Conhecer e avançar* (Vol. 6, pp. 208-217). Santo André: ESETec. 2007.
- CAZARIN, E. A. **Identificação e Representação Política**: uma Análise do Discurso de Lua (1978-1998). Tese de Doutorado, UFRGS, 2004.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Discurso, História e Arqueologia**. In: MILANEZ, N. & GASPAR, N. R. (Orgs.) *A (des)ordem do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Le discours communiste adressée aux chrétiens**. *Langages*, Paris, número 62, 1981.
- COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- _____. **Metamorfoses do Discurso Político**: derivas da fala pública. Tradução: Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2006.
- _____. **Discurso, História e Arqueologia**. In: MILANEZ, N. & GASPAR, N. R. (Orgs.) *A (des)ordem do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Nacional (1895-2001)

FERNANDES, C. **Imagens em rede a opacidade da imagem e a leitura polissêmica** In: FERREIRA, M. C. L. (org.) *Oficinas de Análise do Discurso: Conceitos em Movimento*, Campinas, São Paulo: Pontes editores, 2015.

FERRARI, A. **Discurso e (homo)sexualidade**. In: MARIANI, B; Medeiros, V. (org.) *Discurso e ...* Rio de Janeiro: 7 letras, no prelo, 2011.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque; 16ª edição; Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque; 10ª edição; Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque; 8ª edição; Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

GADET, F. & PÊCHEUX, M. **A Língua Inatingível: O discurso na história da linguística**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2004.

GREGOLIN, M. **Formação Discursiva, Redes de Memórias e Trajetos Sociais de Sentido: Mídia e Produções de Identidade**. In: BARONAS, R; (Org.) *Análise do Discurso: Apontamentos para uma história da Noção- Conceito de Formação Discursiva*. São Carlos (SP): Ed. Pedro e João, 2011.

HEEREN, José Augusto de Castro. **O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de Lampião**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo: 2011.

HEILBORN, M. L. **Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social**. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. 63-89 p.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: SP: Ed. da Unicamp, 1997.

INDURSKY, F. **A memória da cena do discurso** In: MITTMANN, S. FERREIRA, M. (org.) *Memória e história na/da análise do discurso*. São Paulo: Editora Mercado de letras, 2011.

INDURSKY, F. **O acontecimento do discurso no Brasil** In: MITTMANN, S. FERREIRA, M. (org.) São Paulo: Editora Mercado de letras, 2013.

JUNIOR, Almerindo Cardoso Simões. **...E havia um lampião na esquina- Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura(1978-1980)**. Dissertação (Mestrado em Memória Social), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006.

JUNQUEIRA, R. D. **Escola e homofobia**. *Pátio, Revista Pedagógica*, 50, 28-31.2009.

LAGAZZY, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

LEANDRO FERREIRA, M. C. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

MAGALHÃES, B. **As marcas do corpo contando a história**. Maceió: EDUFAL, 2005.

Marinho, C. A., et al. **Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro**. *Paidéia*, 2004. 14, 371-379 p.

NASCIMENTO, M. A. N. **Homofobia e homofobia interiorizada: Produções subjetivas de controle heteronormativo?** *Athenea Digital*, 2010. 17, 227-239.

Disponível em://psicologia-109social.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/652 em 09 de setembro de 2015.

MUSSALIM, Fernanda& BENTES, Anna Cristina Introdução. In: _____ (orgs.) **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. (Volumes 1). São Paulo: Cortez, 2001. 14-19 p.

ORLANDI, Eni. **A Análise de Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: n.42: 21-40, jan.jun.2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

_____. **Maio de 1968: Os Silêncios da Memória**. In: ACHARD, P. et al. *Papel da Memória*. Tradução e introdução de J.H. Nunes. Campinas, Pontes, 1999.

_____. **Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional**. 3. ed. SP: Campinas: Pontes, 2003.

_____. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia.** 2. ed. SP: Campinas: Pontes, 2012.

_____. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos.** 11. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

PÊCHEUX Michel. & FUCHS (1975). **A propósito da Análise Automática do Discurso.** In : GADET & HAK (org). Por uma análise automática do discurso. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 1. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **A análise de discurso: três épocas (1983)** In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

PEDROSA, J. B. **Segundo desejo.** São Paulo: Iglu, 2006.

PIZZOLANTE, R. P. **A essência humana como conquista: O sentido da autenticidade no pensamento de Martin Heidegger.** São Paulo: Annablume, 2008.

POCAHY, F. A. & NARDI, H. C. **Saindo do armário e entrando em cena: Juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social.** Estudos Feministas, 2007.15, 45-66 p.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009.

PRAYERS for Bobby. Direção: Russell Mulcahy. Produção: Chris Taaffe. Filme, (1:31'35"): dublado, colorido, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qprpqnvVuY>>. Acesso em 02 nov. 2011.

RODRIGUES, Humberto. **O amor entre iguais.** São Paulo: Mythos, 2004.

RODRIGUES, H. & LIMA, C. C. **Vale tudo: Homossexualidade na antiguidade.** 2008. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras->

historia/vale-tudo-homossexualidade-antiguidade-435906.shtml. Acesso em 15 de Nov. 2015

SCOLA, F.; AMARAL, S.. **HOMOFOBIA..** ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - ISSN 21-76-8498, América do Norte, 3 4 08 2009. Disponível em:<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/1469/1402>. Acesso em 15 nov. 2015.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações** (M. A. Andery, & T. M. Sério, trads.). São Paulo: Editorial Psy, 1989/1995.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano** (J. C. Todorov & R. Azzy, trads.). São Paulo: Martins Fontes, 1953/2003.